

PENTAGRAMA

A revista Pentagrama propõe-se a atrair a atenção dos leitores para a nova era que começou para o desenvolvimento da humanidade.

O Pentagrama sempre foi, em todos os tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Também é o símbolo do universo e de seu eterno devir, por meio do qual acontece a manifestação do plano divino.

Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o Pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, permanece no caminho de transfiguração.

A revista Pentagrama convida o leitor para operar esta revolução espiritual em si mesmo.

ÍNDICE:

- 2 O TRÍPLICE MISTÉRIO DO CAMPO DE FORÇA
- 9 A GNOSIS VIVENTE DO SÉCULO VINTE
- 14 FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HUMANA
- 17 AS METAMORFOSES DE KUNDRY
- 25 FELICIDADE E SOFRIMENTO
- 27 O VERDADEIRO AUXÍLIO
- 31 O QUINTO ÉTER, O ÉTER ELÉTRICO
- 37 A SENDA DO SILÊNCIO

1996
ANO 18
NÚMERO 6

O
TRÍPLICE
MISTÉRIO
DO CAMPO
DE FORÇA



O sétuplo campo de força da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea está ligado aos sete raios fundamentais da Natureza superior; assim podemos designá-lo como um campo de luz sétuplo.

Os antigos escritos da Corrente Universal das Fraternidades descrevem este campo de força como um campo de radiação universal que recobre tudo e tudo penetra, como um céu-terra divino. A Doutrina da sabedoria hermética afirma: *Deus é uma esfera infinita, cujo centro está em toda a parte e cuja circunferência não está em parte alguma.* É um campo de vida que possui um núcleo central divino, cristocêntrico, no qual e pelo qual se manifestam os sete raios da vida única e imperecível. As palavras *Do Egito chamei meu filho* são um apelo lançado ao ser humano, convidando-o a entrar neste campo de luz seguindo o caminho clássico da iniciação. Todos os que buscam são chamados do Egito a fim de voltar para a Única Luz, saindo do mais profundo abismo das trevas exteriores da natureza dialéctica.

O faraó Akhenaton, um dos maiores reis-sacerdotes do antigo Egito, colocou o princípio solar no centro de sua vida; assim ele se expressava no hino ao sol:

*Quão formoso tu surges,
ó, sol vivente,
nas alturas luminosas do céu,
Tu que estás no início de todas as coisas,
irradias dos montes luminosos do Oriente
e preenches as regiões terrestres
com tua beleza.*

*Teus raios enlaçam todas as regiões,
estendem-se até as fronteiras
de toda a tua criação,
Tu estás infinitamente longe,
e no entanto
irradias sobre a terra.
Nós te contemplamos, e no entanto
ninguém pode ver onde te encontras.*

*Quando descês
aos montes luminosos, ao Ocidente,
o mundo jaz nas trevas, como morto.*

*Quando surges,
os homens levantam os braços
para adorar-te.
Teus raios alimentam todas as plantas,
Surges e diante de ti elas vivem
e crescem.*

*O mundo repousa entre tuas mãos
como tu o criaste.
Os homens vivem em tua claridade;
quando tu repousas, eles morrem.*

*A vida está no tempo
e o tempo está em ti.
Em ti vivemos, em ti somos e estamos.*

Os antigos hierofantes compararam esta esfera ígnea, cantada por Akhenaton, a uma força solar e a representaram por meio de um círculo com um ponto no centro, que simbolizava o princípio central. Trata-se de um campo evolutivo em manifestação, não fechado sobre si mesmo e procriador. Do ponto central emana uma linha e desta linha saem todas as figuras matemáticas: o círculo, o triângulo, o quadrado etc. Do centro nasce o primeiro algarismo, o número 1, e depois os algarismos seguintes, inclusive o número 9. Esta série termina em zero e pelo número 1 de uma nova série.

Akhenaton — “A glória de Aton” — e sua esposa Nefertiti apresentaram suas oferendas a Ra, o deus que dá a vida, simbolizado por raios que terminam em mãos estendidas e protetoras. (Relevo do palácio de Akhenaton em Tel-el-Amarna, 1400 a.C.)

O QUADRADO INSCRITO NO CÍRCULO

O círculo é um espaço fechado no interior do qual acontece um processo de desenvolvimento. Sabe-se que dentro de todos os espaços sempre vão surgindo algumas transformações: cisão, divisão, multiplicação. Os antigos sábios colocaram um quadrado no interior do círculo para representar a vida: é um espaço que é vivificado, um campo evolutivo que está totalmente inserido no campo original de força ígnea e que pode ser definido como "vida". Ora, esta vida somente será completa quando existir a possibilidade de manifestação, de renovação e de realização. Os antigos simbolizaram este processo com o triângulo ou a pirâmide.

Esta descrição clássica de um campo de força deixa ver claramente o símbolo do círculo, do triângulo e do quadrado, que é o símbolo da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea. Com este símbolo, ela dá a entender que coloca seus alunos diante destes três aspectos, que formam uma perfeita unidade no interior de seu campo de força. Círculo, triângulo e quadrado representam a totalidade do campo de força com seu princípio central, de onde se desenvolve o plano de manifestação. O quadrado de construção é realizado e o triângulo de fogo do novo campo de vida eleva-se a partir dele.

Este símbolo do campo de força indica que a força divina desce na natureza dialética ímpia como um campo cósmico sétuplo. É assim que a natureza dialética corrompida é captada pela luz: o zodíaco duodécuplo é aniquilado e um novo firmamento magnético, um novo céu e uma nova terra vão-se esboçando. Os antigos rosa-cruzes diziam que este campo de força manifestava-se de setecentos em setecentos anos, a fim de conduzir os buscadores até o campo da luz.

Deus já enviou mensageiros de sua vontade, as estrelas que surgiram em Serpentarius e Cygnus, os grandes sig-

nos do seu poderoso Conselho, a fim de nos ensinar que, se tudo o que o gênio humano descobriu fosse reunido, ele o faria servir a sua escrita oculta. O Livro da Natureza é, por conseguinte, desvelado a todos os olhos, mas bem raros são aqueles que o podem ler, e, mais raros ainda, aqueles que o podem compreender.

Da mesma maneira que a cabeça humana possuiu dois órgãos para ouvir e dois para ver, dois para cheirar e um para falar, e que seria vão exigir que os olhos falassem e que os ouvidos vissem, assim também houve épocas em que se viu, outras em que se ouviu e outras ainda em que sentiram odor, e, em muito pouco tempo virá a época, que se aproxima a grandes passos, em que a língua receberá a honra de exprimir tudo o que antes já foi visto, ouvido e percebido pelo olfato. Depois que o mundo houver despertado do seu sono de embriaguez, bebido na taça envenenada, o homem irá ao encontro do sol nascente, ao raiar do dia, com o coração aberto, a cabeça descoberta e os pés nus, jubiloso e transbordante de alegria.¹

Esta profecia faz alusão à obra gnóstica universal da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea em sua atual manifestação, e que apresenta à humanidade a necessidade de um renascimento triplíce e fundamental. Para atingir este estado é preciso decidir firmemente libertar-se do espaço e do tempo, do nascimento, da vida e da morte. Trata-se de um processo que se baseia nas cinco atividades da Gnosis, mais do que nunca perceptíveis em nossa época.

EXISTEM CONDIÇÕES DE VIDA IDEAIS?

Em primeiro lugar, é preciso adquirir a compreensão libertadora. Sobre esta base nasce o anseio pela salvação, a aspiração ao restabelecimento da vida original. Este anseio é seguido pelo abandono dos valores que determinavam a

vida até este momento: é a auto-entrega. Depois deste adeus ao antigo eu, surge o novo comportamento, que permite ao candidato transformar-se interiormente e preparar-se para o novo nascimento.

Com relação ao processo, as condições de vida de muitos alunos não são as ideais: é por esta razão que podemos indagar-nos quem está preparando o quadrado de construção; quem já se encontra no processo de renovação interior; quem já efetuou a renovação quádrupla de seus veículos material, etérico, astral e mental; quem já dominou completamente seus desejos, seus pensamentos e seus atos, subordinando-os à prática da nova vida; quem participa conscientemente do *Trigonum Igneum*, o fogo sobre o qual fala a *Fama Fraternalitatis*; quem já nasceu de Deus, morreu em Jesus e ressuscitou no Espírito Santo. Cada um tem o dever e o poder de determinar onde se encontra.

No fim do século XVI, Tobias Hess percebeu que um novo fogo cósmico surgia no céu. Neste fogo, ele viu um presságio do grande fogo cósmico que começa hoje sua atividade na Era de *Aquarius*. O fogo do *Trigonum Igneum*, como o chamavam os antigos rosa-cruzes, é o fogo dos planetas dos Mistérios: Urano, Netuno e Plutão. Neste momento, ele envolve o cosmos, o mundo e a humanidade para a necessária renovação interior. Quando os rosa-cruzes falavam de sete dias de criação ou sete períodos em que surgia o *Trigonum Igneum*, eles tinham como objetivo nada mais do que a manifestação da Fraternidade universal da Luz, que desce nas trevas para aí libertar as almas humanas aprisionadas. É com esta finalidade que foi edificado o Corpo-Vivo da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea atual. Este corpo é, de fato, imortal, pois está ligado à corrente cósmica do fogo espiritual liberto da natureza da morte, o fogo espiritual que penetra nas regiões do espaço e do tempo, como uma arca que pode levar dentro de si as almas dos homens e conduzi-las à libertação.

O HOMEM E A NATUREZA MORTAL

Comparado a este campo poderoso e desmascarador de luz e de força libertadoras, o homem não passa de um *"minutum mundum"*, um pequeno mundo, um microcosmos em interação com a natureza mortal. Este pequeno mundo é fechado: para a alma é uma prisão onde reinam a "vida" e a "morte", pois aí não se encontra o triângulo de fogo da possibilidade de libertação. Por esta razão, este pequeno mundo tornou-se inativo, submetido à "vida" e à "morte". O fogo divino encontra-se recolhido ao núcleo central e está sempre esperando o dia do novo nascimento, processo descrito em todos os textos sagrados.

Esta senda leva à formação da consciência, ao desaparecimento dos limites da antiga personalidade e à entrada no novo campo de vida. O símbolo do templo de Haarlem traduz este processo. No decorrer da consagração deste templo, em 20 de dezembro de 1957, Jan van Rijckenborgh disse o seguinte:

Este signo simboliza os sete vezes sete raios do Espírito Santo Sétuplo que opera através de todos os tempos, em todas as esferas de nosso cosmo. A força da Doutrina Universal, que confere ao Lectorium Rosicrucianum sua autoridade e seus poderes, ativa este campo de radiação sétuplo em seus templos, o que significa que os sete raios do campo de radiação do Amor divino estão manifestados e que agem na alma de todos os que a ele se abrem. A estrela de cinco pontas, que se encontra no meio do emblema, pode ser considerada a estrela de Belém, símbolo sagrado do nascimento de Jesus no buscador que, tocado pelo princípio do renascimento, prepara-se para percorrer o caminho estreito da regeneração. É neste caminho que ele aprende a aprofundar-se no mistério que Jesus Cristo apresenta nesta era a todos os que são sensíveis a ele e que estão prontos para percorrer, efetiva-

mente, a senda de retorno à Casa do Pai, com todas as conseqüências que lhe são inerentes. É por isso que a sabedoria e sua manifestação por meio de atos concretos são as características do *Lectorium Rosicrucianum*.

A MENSAGEIRA DO NOVO CÉU-TERRA

Vamos considerar agora que estamos em um universo fechado, englobados por um firmamento microcósmino, prisioneiros de nossos sentidos, das forças e dos núcleos em que todo o nosso passado está gravado. Nossa personalidade terrestre é habitante deste sistema e se manifesta como uma projeção do firmamento microcósmino e macrocósmino. É neste velho céu que a força da Gnosis deve agora surgir como a estrela pentagonal do nascimento, mensageira do novo céu-terra, da nova terra, do novo homem ressuscitado, em quem Espírito, alma e corpo encontram-se em perfeita harmonia. Quando os irmãos da Rosa-Cruz diziam estar neste caminho rumo ao Templo de Iniciação de Christian Rosenkreuz, eles queriam dizer que estavam diante da transformação fundamental de todo o seu sistema. O ser humano que trilha conscientemente este caminho em nossa época, a ponto de poder abstrair-se a si mesmo total e absolutamente, a fim de que sua alma imortal recupere a liberdade, encontra-se, como os irmãos da Rosa-Cruz, diante do templo sepulcral de Christian Rosenkreuz.

Na *Fama Fraternitatis* está escrito: *Pela manhã, abrimos a porta e encontramos uma cripta com sete lados e sete cantos. Cada lado media cinco pés, e a altura, oito pés. Apesar de essa cripta nunca haver sido iluminada pelo sol, era iluminada, porém, por outro sol que se achava em cima, no centro da cripta, e tinha aprendido isso do sol. No centro, em vez de uma pedra sepulcral, havia um altar circular coberto com*

uma placa de bronze onde se lia:

A.C.R.C fiz deste compêndio do Universo, em vida, um sepulcro.

Em volta do primeiro círculo estava escrito:

JESU MIHI OMNIA (Jesus é tudo para mim).

No centro encontravam-se quatro figuras, envoltas por círculos, cujas inscrições eram:

1. NÃO HÁ ESPAÇO VAZIO.
2. O JULGO DA LEI.
3. A LIBERDADE DO EVANGELHO.
4. A GLÓRIA DE DEUS É INATACÁVEL.²

A FINALIDADE DA VIDA TERRESTRE: O ADEUS À MATÉRIA

Quem descobre esta santa mensagem deve enfrentar a força mercuriana do *Trigonum Igneum*. É o fogo primordial da Corrente da Fraternidade Universal, onde surge o clássico caminho de iniciação: a demolição do antigo templo, a edificação e a reconstrução do novo templo em três dias. Este mistério faz-nos compreender que o adeus à matéria, a saída do circuito fatal da vida e da morte é a finalidade da vida terrestre. Viver cada dia torna-se um “morrer cada dia” da antiga natureza, para a realização da nova vida. *A Fama Fraternitatis* fala da “semente semeada no coração de Jesus”, pois o caminho rumo à nova vida somente pode ser realizado com a pura imitação de Cristo. Tudo o que é velho deve morrer em Cristo. Todas as forças e normas da vida terrestre devem ser aniquiladas nele, a fim de que sobre uma base totalmente nova, a nova vida possa ser realização.

Não há espaço vazio! Quer dizer, todo o nascimento microcósmino, cósmico ou macrocósmino é determinado anteriormente e deve ser realizado na



Símbolo da Jovem Gnosis, na entrada de Renova.

força do fogo fundamental, o *Trigonum Igneum*. No momento em que esta força, que é o elemento que falta, encontra o antigo círculo e o antigo quadrado, a nova compreensão desperta. A nova lógica é o *jugo da lei*, aceito em auto-entrega e auto-oferecimento, perfeita e voluntária. É a lei da imitação absoluta de Cristo, na força do Espírito que tudo preenche e tudo vivifica. Aquele que, conscientemente, continua sob este jugo da lei, é integrado na Corrente da Fraternidade Universal da Luz e descobre a *liberdade do Evangelho*, a liberdade da plenitude da Palavra divina que passa a se manifestar. O Verbo se cumpre como confirmação de uma nova criação, de um novo nascimento. O Evangelho vivente é então uma força libertadora, não ligada aos critérios e dogmas humanos, que oferece a eterna liberdade divina aos corações dos homens e os liberta da espiral descendente.

LIBERAÇÃO DA ESPIRAL DESCENDENTE

Assim alicerçado, o peregrino chega diante *da glória de Deus, que é inatacável*. Ele permanece na Corrente da Fraternidade e emite o Verbo divino a fim de libertar as almas de seus irmãos da prisão da matéria. A entrada na câmara sepulcral de Christian Rosenkreuz, em uma época em que a humanidade ultrapassa a fronteira do terceiro milênio, é de uma importância excepcional, pois, no templo funerário encontra-se o protótipo do Novo Homem, o vivente imitador de Cristo. Este Novo Homem preparou-se para receber, de maneira correta, a força do Espírito Santo, e está pronto para colocá-la em prática.

Aquarius, o aguadeiro, levanta o cântaro de água viva para derramá-la sobre toda a humanidade acorrentada, e todos os que receberem esta força com um coração receptivo e com as mãos

abertas poderão experimentar suas bênçãos. Trata-se da força que confirma a transformação, a renovação e a transfiguração de todo o sistema humano tão danificado. “Do Egito chamei meu filho!”

Quem se encontra neste processo de renovação forma com todos os que com ele caminham um novo cosmos, um novo elo da corrente da Fraternidade Universal. Ele está integrado na corrente das Fraternidades da Luz, a fim de desvelar o selo dos mistérios do círculo, do triângulo e do quadrado, conforme a lei de Deus.

A Direção Espiritual Internacional
J. R. Ritman

1 Confessio da Fraternidade da Rosacruz, Jan van Rijckenborgh, Lectorium Rosicrucianum, VIII, p. 9, 1ª edição, 1987.

2 Fama Fraternitatis, p. XXXIII, Jan van Rijckenborgh, Rozekruis Pers, Haarlem, Holanda.

A GNOSIS VIVENTE DO SÉCULO VINTE

Nestes últimos dez anos, as idéias e as ações da humanidade passaram por transformações bastante acentuadas. Depois de uma onda de protestos contra os princípios estabelecidos, muitos conceitos mudaram, aumentando o abismo entre os idealistas e os homens de boa vontade, de um lado, e, de outro, os materialistas endurecidos, que não têm outro ideal senão o de conseguir cada vez mais dinheiro, bens e poder.

O homem atual vive em um século de explorações extraordinárias. O mundo exterior, assim como seu mundo interior, o cativam. As pessoas de idade apenas sabem muito bem que, em sua juventude, a autoridade vinha do alto. O que o pai, a mãe, o professor, o teólogo, o político ou o ministro diziam era lei. Era assim mesmo!

Mas as coisas mudaram. Não somente a juventude atual nem se importa com as autoridades, como manifestam suas próprias opiniões. Ela quer ser seu próprio guia e descobrir tudo por si mesma. Ela se baseia em suas próprias percepções e suas próprias experiências, que, aliás, são muito bem alimentadas pela mídia. A pessoa que antigamente via duendes e gnomos era considerada como louca: ninguém falava com ela, como se estivesse morta, e as obras esotéricas eram geralmente trancadas a sete chaves nas bibliotecas. A humanidade começa a entrar em um novo mundo. Os exploradores que partiram antes voltam com histórias fantásticas. Os turistas do além são legiões. É permitido falar sobre o que se viu, conversar sobre isto... e um número cada

vez maior de pessoas percebe, espontaneamente ou depois de uma certa manipulação, o que há por detrás da linha que divide a matéria grosseira da matéria sutil.

As religiões oficiais e a ciência aparentemente seguem os fatos, apesar de uma certa hesitação e não sem uma certa prevenção, para recobrem um pouco do brilho de sua antiga autoridade. Entretanto, elas já viraram a casaca já há muito tempo e reconheceram as dimensões invisíveis para compreender o que agita o homem moderno e para não perdê-lo de vista no decorrer de suas explorações mais remotas. Evidentemente também há negócios a serem feitos neste novo mundo. Quem é hábil e sabe manipular as forças naturais que acabam de ser descobertas ganha muito dinheiro: é simplesmente inevitável! Com esta evolução, o termo "seita"* tornou-se pejorativo. Geralmente, com razão, pois as experiências no mundo etérico e astral podem acabar muito mal!

PRELÚDIO OU ADVERTÊNCIA?

E os rosa-cruzes, eles negam a existência deste novo mundo? Eles são contra às grandes perspectivas que este novo mundo oferece? Será que eles querem limitar as atividades do homem moderno e dinâmico do século XX? Será que eles querem amedrontá-lo com regras e dogmas?

Nada disso! Qualquer pessoa que vive conscientemente tem suas próprias opiniões sobre tudo o que acontece no mundo e é livre para expressá-las e divulgá-las. Entretanto, achamos que a informação que o ser humano recebe

atualmente carece de alguma coisa muito importante: acreditamos que é nosso dever esclarecer todas as pessoas receptivas, explicando a elas, por meio da Doutrina Universal, o que está por detrás das transformações do mundo e do cosmo. Fazemos isto porque esperamos que os leitores desta revista Pentagrama poderão, assim, melhor determinar sua posição e fazer uma escolha motivada clara e conscientemente.

Há quarenta anos a Rozekruis Pers, em Haarlem, na Holanda, editou um livrinho que descrevia o desenvolvimento atual como uma conseqüência inevitável da direção que foi tomada pela humanidade até esta época. Assim como os rosa-cruzes do século XVII advertiram seus contemporâneos quanto aos acontecimentos presentes e futuros, por meio dos escritos de Johann Valentin Andreæ, assim também, no século XX, a Rosacruz Áurea vem fazer o mesmo.

A humanidade faz uma viagem através do Universo, que pode ser considerado neste sentido como uma escola de aprendizagem do processo do verdadeiro devir humano: como o campo de trabalho onde a humanidade se prepara para entrar novamente no processo da criação original — portanto, se prepara para o restabelecimento da realidade de antigamente, que existia antes que ela sofresse a queda na matéria.

A VIDA É BUSCA, E A BUSCA FORMA A CONSCIÊNCIA

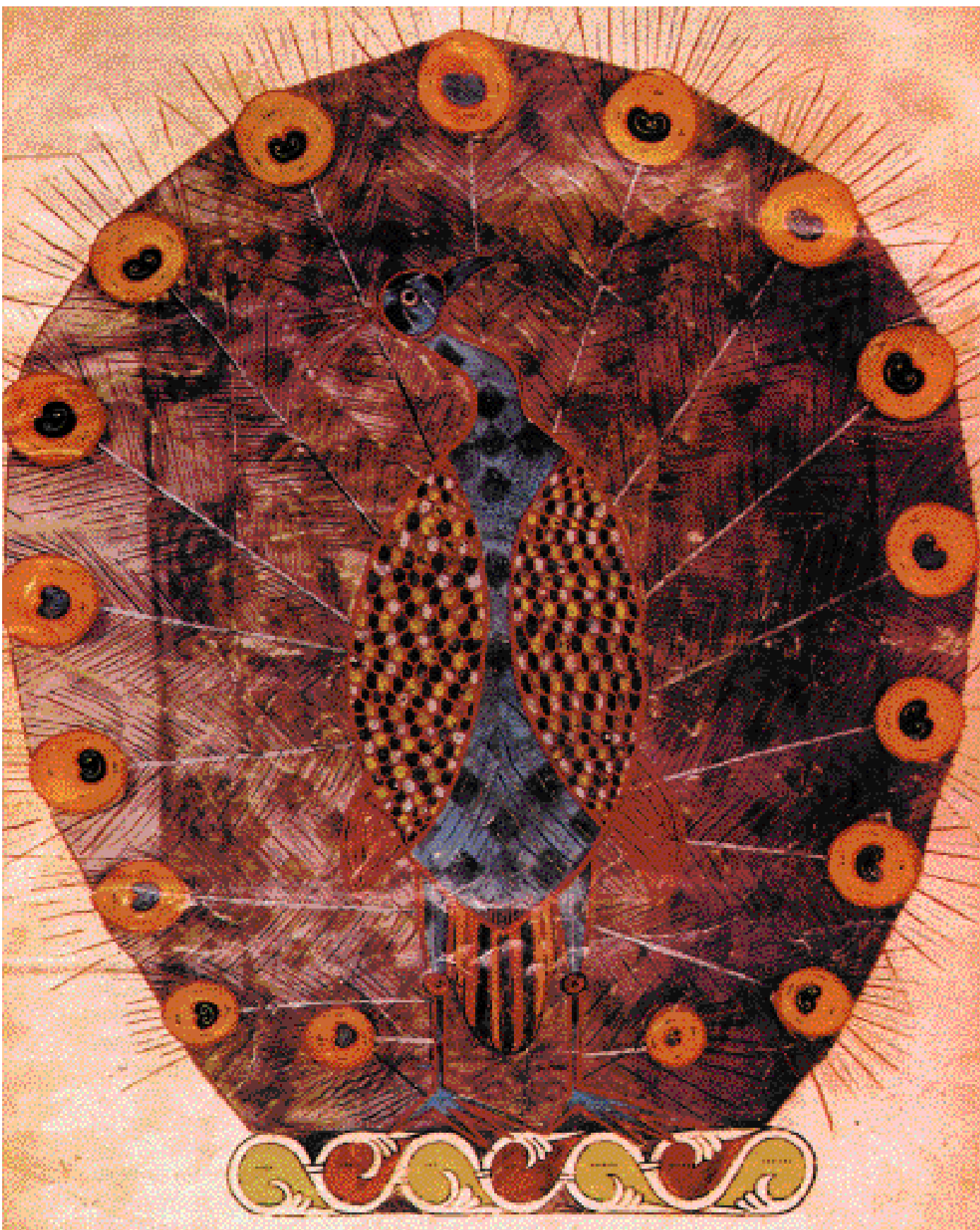
Por esta razão os rosa-cruzes dizem que, no coração humano encontra-se oculto um germe imortal que contém todo o processo de restabelecimento do homem original. Assim, o ato de decidir, da interpretação e da execução na prática deste plano formam a consciência. Portanto, a consciência é a soma de toda uma série de experiências feitas durante a viagem de exploração através do Universo. Mas o trágico é que o ho-

mem seja o produto do mundo que ele mesmo criou! Todas as suas percepções e todos os seus julgamentos são fixados a priori e não lhe dão nenhuma liberdade de movimento. Como sua consciência foi formada na natureza e pela natureza, ele logo chega à conclusão de que falta alguma coisa em sua vida, e que ele não consegue ir muito longe. Assim, todos vão percorrendo um círculo vicioso do qual já não podem sair. Para sair deste círculo é preciso um outro impulso, que os rosa-cruzes chamam de “Gnosis”.

O conhecimento dos antigos gnósticos foi divulgado até em nossa época e muitos especulam bastante sobre o que vem a ser o conceito de “Gnosis”. Entretanto, podemos certificar expressamente que a Gnosis não tem nada a ver com certos livros interessantes, novas idéias ou manuscritos apaixonantes de tempos passados. Para os rosa-cruzes, a Gnosis é a força que é preciso ser descoberta, que nos toca e nos liberta, como forma que emana da fonte original. Quem a vivencia um pouco, quem dela testemunha por escrito ou através da fala é considerado um gnóstico. Uma pessoa como esta pode conceber idéias e imagens extraordinárias e profundamente cativantes, mas nem por isso estas idéias e imagens constituem a Gnosis. São um testemunho da

*A palavra “seita” vem do latim “secare”, que significa cortar. Esta palavra geralmente era empregada neste sentido para designar um grupo que se separou, com ou sem razão, da religião reconhecida oficialmente. Esta tendência para a separação existe em todas as religiões ou grupos ideológicos do mundo inteiro. Geralmente trata-se de divergências de interpretação da doutrina oficial. Em determinado momento, o grupo que se forma em torno de suas próprias concepções separa-se da “antiga casa” ou da instituição oficial. Este fenômeno sempre existiu na história da humanidade e sempre foi aceito pelos regimes tolerantes. Mas, em épocas de tensões políticas, tanto no passado como hoje, sempre se encontra um modo de fazer deles os bodes expiatórios e combatê-los.

Durante o primeiro milênio da era cristã, o pavão muitas vezes simbolizava o Cristo. Em outras tradições, ele representava também conceitos como imortalidade, renascimento, ou a intangibilidade da alma (Manuscrito espanhol, 945 d.C.).





Giordano Bruno (1548-1600), filósofo e livre-pensador italiano. Em suas considerações metafísicas, atacou todas as autoridades que se basearam em dogmas. Estabeleceu que todas as maneiras de ver a vida dependem do lugar em que a pessoa se encontra no mundo, que a verdade absoluta é indescritível e que a verdade e a sabedoria não têm limites. Segundo ele, o mundo é composto de elementos indissociáveis que obedecem a leis do Universo. Para ele, Deus está em todas as coisas e todas as coisas estão em Deus. Conseqüentemente, seus conceitos influenciaram inúmeros filósofos – particularmente Leibniz e Spinoza. Por ter idéias heréticas, teve de deixar a Ordem dos Dominicanos, em 1576. Voltando a Veneza, foi julgado por heresia e queimado vivo em 1600.

Tradução do memorial:
A Giordano Bruno, queimado vivo por intolerância religiosa. A comunidade democrática de Dovadola não esquece que é na harmonia da vida em comum que a liberdade de pensamento encontra seu fundamento.

1º de agosto de 1909.

Gnosis, que é um fenômeno comparável à eletricidade: ela é invisível, mas nós a percebemos claramente por meio de seus efeitos.

O toque da Gnosis é tríplice: ele chama, esclarece e salva. Esta tríplice atividade sempre acompanhou a humanidade. Não é de modo algum um fenômeno novo, o achado de uma das teologias ou da política: de fato, ele é a única realidade diante da qual a humanidade se encontra.

O chamado da Gnosis sempre ecoou para impulsionar os humanos a voltar para seu campo de vida original. Este chamado sempre foi explicado – geralmente de forma velada. Conduzir a humanidade a um plano superior e libertá-la do reino da morte onde ela está mergulhada é uma tarefa que jamais cessou. O chamado ecoa em cada um: ele é forte ou fraco, percebido de maneira hesitante ou como um poderoso impulso para romper com todos os laços. A voz dos portavozes divinos pressiona e sempre se faz ouvir, apesar de nem sempre ser muito bem compreendida; e sempre há uma mão salvadora estendida, apesar de que raros são os que a seguram.

Em nossa época tudo mudou: as coisas tomaram um novo rumo, uma nova corrente vai crescendo e é possível segui-la. A humanidade está sendo convocada para descobrir em si mesma esta nova corrente; ela é explicada e os resultados são mostrados.

A TENDÊNCIA A INTERROMPER A QUEDA E ESCAPAR DELA

Em todas as partes do mundo as pessoas estão analisando as reações. Existe uma forte tendência de ultrapassar o que há de bestial no ser humano. As pessoas estão buscando, interpretando, traçando diretrizes para adquirir uma nova consciência. Um grande número de salvadores se anunciam. Muitos, infelizmente ainda não conseguem permanecer em solo firme.

Vivemos em tempos agitados. E, em meio a toda esta agitação, quando todos os princípios se desfazem e quando surgem novos valores, é preciso que o homem moderno continue em pé e vivencie suas provas. Mas como ele pode fazer isto se ele não sabe de que se trata nem para onde vai o mundo?

Em 1995 aconteceu na Alemanha um simpósio onde um dos temas era: o desenvolvimento simultâneo da consciência e da imunidade, tendo como base o autoconhecimento e o conhecimento de um possível adversário. Para poder defender-se, um sistema deve contar com o autoconhecimento a fim de poder reconhecer as influências que possam atacá-lo. Se um sistema não se conhece, é incapaz de situar o inimigo e se destrói. É lógico e justo; mas, ao mesmo tempo, é a causa do enfraquecimento e da degeneração da raça humana. Afinal, quando um ser humano já não conhece a finalidade de sua vida, ele também não sabe quem são seus inimigos. Portanto, ele não sabe nem como se defender nem como escapar.

ENXERGAR OU NÃO ENXERGAR A SITUAÇÃO DE FRENTE

É nesta situação que se encontram os homens, no limiar do século XXI. Mas eles não enxergam ou não querem enxergar. No entanto, eles são as vítimas desta situação! Neste estágio, a Gnosis entra em contato com eles, esclarece esta situação e lhes mostra a saída. Este toque e suas conseqüências transformam a consciência do ser humano. Suas idéias mudam, sua vida muda. O mundo passa a ter uma nova face.

De um lado, uma face bem conhecida, apresentada pela mídia: sangue, violência, ódio, crime. De outro, a face da humanidade: bondade, socorro e auxílio em caso de sofrimentos e emergências. Mas ainda há uma terceira face: a criação que sofre pelo fato de seus

filhos não a compreenderem. Afinal, ou eles estão em luta uns contra ou outros ou então se dão tapinhas nas costas uns dos outros, mas jamais procuram dentro de si mesmos a causa de seus males.

Esta causa está dentro do próprio homem, no campo de vida que está submetido à morte. Mas, sobretudo, no fato de se comprazer com a situação, de se acomodar, de tentar adaptar-se a ela e de estar sempre reconstruindo as coisas para esconder um pouco a infelicidade atrás da porta ... onde ele tenta fechar todos os medos e sofrimentos.

Em meio a todas estas tentativas, a Gnosis o arrebatá. Ela toca seu coração, seu ponto mais sensível, onde está inscrito o plano completo do futuro divino. Este toque lhe faz mal porque lhe mostra que ele está sempre no caminho errado. Ora, ele não quer nem saber disto! Enquanto isto, o caminho certo lhe é indicado, a senda que consiste em aniquilar a fonte de todos os males, a senda pela qual se chega à nova Vida, onde a doença fundamental e sua existência e a morte já não vigoram.

FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HUMANA

A corrente de vida humana conhece dois processos de desenvolvimento: o do microcosmo e, no interior deste último, o do homem biológico, que deve servir de instrumento para ele, para permitir seu retorno à vida original. São dois processos que caminham paralelamente, mas que acontecem cada um por si, em lados diferentes. O microcosmo vem do reino divino, enquanto o homem biológico é inteiramente constituído de materiais da natureza terrestre mortal.

O microcosmo compreendia, originalmente, Espírito, alma e corpo. Esta unidade se perdeu quando ele foi separado do campo de vida divino. O núcleo da alma continuou no microcosmo, mas impotente e sem força, depois de sua ruptura com o Espírito. Da mesma forma o corpo original ficou impossibilitado de manifestar-se no campo de vida terrestre. Por esta razão, foi preciso que se desenvolvesse uma entidade no microcosmo mutilado, para que este pudesse exprimir-se. É por isso que foi necessário um segundo processo de crescimento, guiado e estimulado por inúmeras forças espirituais.

O processo de devir dos seres humanos aconteceu há muitos milhões de anos, paralelamente ao processo de desenvolvimento da terra, pois foi também preciso criar para estes seres um campo de vida, onde pudessem habitar e vivenciar experiências como instrumentos do microcosmo. Todo este processo deve desenrolar-se em um espaço de tempo inconcebível para a consciência humana. A paleontologia apenas evidencia uma parte deste processo, pois

os homens desta jovem humanidade durante muito tempo não possuíram corpo material e a terra ainda não possuía uma forma sólida. Deste período, nada foi encontrado.

OS ESTÁGIOS DE EVOLUÇÃO DA HUMANIDADE

Nos estágios de evolução que denominamos período de Saturno, Solar, Lunar e Terrestre, foram sendo formados não somente o corpo dialético, mas também os corpos sutis que constituem atualmente a personalidade quádrupla. Este processo foi acontecendo paralelamente ao desenvolvimento da consciência. Em cada período foi depositado o germe da fase seguinte: assim foram-se sucedendo diversos estados de consciência, comparáveis por exemplo ao estado de consciência atual dos minerais, das plantas e dos animais. Para começar, surgiu uma consciência latente (fase mineral) que, pouco a pouco, foi-se transformando em uma consciência adormecida ou consciência de sonho, como a das plantas. Em seguida, desenvolveu-se uma consciência obscura, que pode ser comparada à consciência animal, e finalmente surgiu a consciência humana atual.

O homem não se desenvolveu, portanto, como se pensa muitas vezes, a partir de uma forma mineral para depois passar por uma forma vegetal e a uma forma animal, até chegar ao homem de hoje. Ele somente atravessou estados de consciência específicos dos três reinos.

O que hoje chamamos de consciência humana apenas pode expressar um princípio animado preenchido por quatro corpos intimamente entrelaçados uns aos

“Na mais alta antigüidade, o povo sabia somente que os príncipes existiam.

O povo amou e louvou os príncipes que se seguiram a eles. Os que os sucederam, o povo temeu..

E os que o seguiram, o povo desprezou.

Quem perde a confiança no outro já não conta com sua confiança.

Os antigos eram lentos e graves em suas palavras. Quando eles tinham feito tudo prosperar e haviam terminado suas tarefas,

o povo dizia: “Aqui estamos, por nós mesmos.”

(Citação do Tao Te King, “A Gnosis Chinesa”, capítulo 17, Jan Van Rijckenborgh, Rozekruis Pers, Haarlem, Holanda, 1992)

outros. Nem os minerais, nem as plantas, nem os animais dispõem de um sistema tão aperfeiçoado. É por isso que estas formas de vida são ativadas e conduzidas por impulsos exteriores. Neste contexto, falamos de forças diretrizes da natureza, ou de espíritos-grupo. A consciência individual desenvolveu-se no decorrer do tempo, em ligação direta com o desenvolvimento dos corpos sutis e do processo de concentração destes corpos ao redor de um único núcleo. É somente no final desta fase construtiva que o homem começou a tornar-se consciente de sua própria existência, a fim de poder aprender a discernir e a cumprir seu papel no interior do microcosmo.

A SEGUNDA QUEDA

Os textos esotéricos nos ensinam que o homem não se tornou um servidor, um instrumento do microcosmo,

mas sim que ele impôs-se como senhor dentro do sistema humano. Como aconteceu este processo? Depois da ligação entre o microcosmo e a entidade que o habitava, parecia que faltava algo muito importante a esta entidade: o princípio diretor que até este momento havia determinado sua conduta. Antigamente, a humanidade era dirigida por forças espirituais, que velavam para que ela atravessasse todas as etapas de desenvolvimento necessárias para que nascesse uma personalidade autônoma capaz de consagrar-se inteiramente ao restabelecimento da unidade entre o Espírito divino, a alma e o corpo terrestre. Logo que esta personalidade estivesse constituída, os guias deste processo deveriam retirar-se, a fim de acelerar a independência do homem, assim como os pais dão a liberdade a seus filhos para que eles possam tornar-se completamente adultos.

Entretanto, o guia *interior* do homem, o princípio divino situado no centro do microcosmo, ainda não havia despertado. É neste estágio transitório que foram-se desenvolvendo as religiões. Os sacerdotes, que ainda eram enviados divinos, ensinavam aos homens a respeito de sua origem e sua missão, e assim foram surgindo, pouco a pouco, alguns grupos preparados espiritualmente para cumprir esta missão. Mas os dirigentes terrestres intervieram ao mesmo tempo, querendo conduzir os homens, muitas vezes convencidos de que eles também eram enviados divinos! Era um grande perigo, pois o homem deste período já possuía um corpo de desejos. Desta forma, ele era capaz, com a ajuda de seu enorme poder mental, de manipular seus desejos egocêntricos como bem entendesse.

Assim, esta humanidade jovem acabou perdendo a proteção dos verdadeiros guias espirituais. Já não contando com seus bons exemplos, ela foi sofrendo completamente a influência dos dirigentes terrestres e dos sacerdotes que estavam submetidos a eles. Como a



Narciso contempla seu reflexo na água (Michel de Marolles, Paris, 1655).

maioria da humanidade ainda estava “na infância”, e portanto era ingênua, e como ela tinha necessidade de ser dirigida, as forças que trabalhavam para entrar ou tornar lento o processo original conseguiram desviá-la facilmente do caminho divino. Todas as situações e experiências que decorreram deste fato estão registradas no microcosmo: todos nós, querendo ou não, estamos submetidos diariamente a estas influências, o que determina a formação do caráter e da consciência.

O crescimento da consciência inferior ainda latente para uma consciência alma-espírito não seria possível se o homem não chegasse a compreender seu estado graças a estas vivências que estão gravadas dentro dele e que devem fazer com que ele descubra conscientemente seu aprisionamento. Ele precisou, e precisa sempre, compreender como pode libertar-se das potências e forças que atrapalham seu desenvolvimento, tanto no plano microcósmino como no plano macrocósmino. Não se trata de

acumular conhecimento e experiências exotéricas, mas sim de tirar a única conclusão correta de todas essas experiências. Como “Deus não deixa perecer a obra de suas mãos”, sempre houve, em todas as épocas, assim como existem em nossos dias, forças divinas atuantes para sustentar a todos os que desejam chegar a ele pelo caminho da luz.

O processo de devir dos seres humanos aconteceu há muitos milhões de anos, paralelamente ao processo de desenvolvimento da terra, pois foi também preciso criar para estes seres um campo de vida, onde pudessem habitar e vivenciar experiências como instrumentos do microcosmo. Todo este processo deve desenrolar-se em um espaço de tempo inconcebível para a consciência humana. A paleontologia apenas evidencia uma parte deste processo, pois os homens desta jovem humanidade durante muito tempo não possuíram corpo material e a terra ainda não possuía uma forma sólida. Deste período, nada foi encontrado.

CONTANDO COM O AUXÍLIO DE UMA AUTÊNTICA ESCOLA ESPIRITUAL

Uma escola espiritual decidida a auxiliar a humanidade que vagueia sem rumo, forma, para tanto, um campo de força magnético, que dinamiza o princípio divino dentro daquele que busca, acompanhando-o neste processo. Ela faz com que ele compreenda sua ruptura com a vida original e também o desejo de restabelecer o microcosmo danificado. É esta força que a alma espiritual e o conhecimento original vão liberando pouco a pouco, satisfazendo e nutrindo este anseio tão puro, que também é chamado de desejo de salvação. O fim deste processo de desenvolvimento é a união do Espírito e da alma que se torna imortal. Então, se forma uma consciência totalmente nova, que conduz ao restabelecimento do microcosmo e da entidade que habita dentro dele.

AS METAMORFOSES DE KUNDRY

Em Parsifal, a ópera de Richard Wagner, Kundry tem um significado muito especial. Seus atos e seus gestos estão estreitamente relacionados com todos os personagens da peça. Ela conhece a origem e o passado de todos os que estão relacionados à busca de Parsifal. Mas quem é este ser enigmático que surge ora como uma mulher velha e feia, ora como uma sedutora de uma beleza resplandecente no reino de Klingsor?

Wagner representou em Kundry um aspecto do microcosmo humano conhecido pelo nome de ser aural. Este ser aural, ou eu superior, envolve a personalidade e expressa-se por meio dela: é ele quem provoca todos os impulsos, reações e atividades da personalidade. As experiências de todas as personalidades que foram-se sucedendo no microcosmo ficam gravadas neste eu superior, que é assim como um escriba onisciente, ou como a lipika do destino. É um ser autônomo que ultrapassa a personalidade, que é o eu inferior, por seu conhecimento e sua inteligência.

Kundry representa a soma das forças dialéticas concentradas no microcosmo: é a força chamada “força com cabeça de leão”, no *Evangelho da Pistis Sophia*.

Segundo este evangelho, trata-se de uma força que dispõe de uma luz grande e bela, que conduz muitas vezes a Pistis Sophia a uma pista falsa. Assim, Kundry apresenta-se neste jardim encantado de Klingsor sob o aspecto de uma mulher cheia de sedução, que se esforça por provocar o desejo de suas vítimas para desviá-las do caminho correto. Mas, nes-

te reino do Graal, a força com cabeça de leão não pode conservar sua beleza passageira. Ela é desmascarada e deve mostrar sua verdadeira face: a face de um ser miserável e digno de piedade. Exteriormente, ela está pronta a oferecer ajuda, mas é incapaz de realizar qualquer coisa boa. Ele tenta incessantemente satisfazer os desejos dos Cavaleiros do Graal. Ela percorre o mundo incansavelmente, a fim de encontrar um remédio para o ferimento de Amfortas. Ela emprega suas forças naturais exclusivamente para aliviar os males que o mundo dialético provoca em seus habitantes. Assim, o ser aural se esforça constantemente em saciar os desejos e as ambições no plano horizontal, o que tem como resultado enganar o buscador e aniquilar suas reminiscências.

Kundry vai revestindo sucessivamente três aspectos e vai sofrendo transformações radicais. No primeiro ato, ela faz penitência e ainda busca o reino do Graal para servi-lo. Ela leva seu auxílio aos Cavaleiros do Graal em caso de urgência, assim é dito, mas, se alguém pergunta a respeito disso, ela grita: ‘Eu não ajudo nunca!’. Há milênios, vagando pelo mundo da mentira, ela sabe que no final, sua ajuda é inútil. Seus esforços já a esgotaram. A Kundry que faz penitência no reino do Graal quer apenas dormir, dormir e dormir. Mas ela é empurrada para frente e continua: não pode fazer outra coisa senão procurar aquele que haverá de salvá-la de seu aprisionamento.

Kundry traz de sua última viagem errante pelo mundo um “bálsamo da Arábia”, que alivia a dor de Amfortas, sem que este remédio, no entanto, apresente qualquer efeito positivo. O que este episódio sugere? Na *Fama Fraternalitatis*, o manifesto dos rosa-cruzes do sé-

Parsifal, Galaad e Bors descobrem o Graal (Manuscrito do século XV, Biblioteca Nacional, Paris).



O EVANGELHO DA PISTIS SOPHIA*

A Pistis Sophia diz para si mesma: “Quero descer a esta região, sem o ser que me ligou, e tomarei esta luz para dela formar um eão de luz para mim mesma; assim estarei em tal estado que poderei transportar-me até a Luz das Luzes que se encontra na mais alta das alturas.

Enquanto assim refletia, ela saiu de sua região, que era o Décimo-Terceiro Eão, e desceu rumo aos doze eões. Todos os arcontes dos eões, furiosos contra ela, a perseguiram, pois ela trazia consigo a idéia de uma grande glória. Enquanto isso, ela também deixou os doze eões, chegou às regiões do caos e aproximou-se da força-luz com cabeça de leão para absorvê-la, mas todas as emanções materiais de Authades a envolveram dentro de um círculo. A grande força-luz com cabeça de leão engoliu toda a força-luz de Sophia e tirou dela toda a posse de sua luz, que ela devorou.”

(Capítulo 31)

culo XVII, está escrito: ...porém, lá teve de permanecer devido a dificuldades corporais e — granjeando a simpatia dos turcos por conta de seus conhecimentos de medicina — ouviu casualmente falar sobre os sábios de Damcar, na Arábia, dos milagres que faziam e que toda a Natureza lhes estava desvelada. Christian Rosenkreuz escreve, na Arábia, o *Livro da Humanidade*, onde ele registra toda a cosmologia da natureza tal como ela lhe foi revelada.

Quando Kundry traz da Arábia o bálsamo para curar Amfortas, ela também traz o conhecimento dos segredos milenares do passado. O ser aural possui este conhecimento, mas, no século XX, ele já não tem nenhuma força libertadora. Isto surge no momento em que Kundry revela a Parsifal que seu pai, Gamuret, morreu em um combate na Arábia. Desta forma, ela quer significar que o passado está morto e que, prender-se às coisas do passado não oferece nenhuma perspectiva. É preciso abrir uma nova senda iniciática levando em conta as possibilidades que valem para a época atual. Entretanto, Kundry nada pode fazer com estas novas possibilidades, que só podem ser utilizadas por uma alma pura e renovada, ou seja um Parsifal.

No primeiro ato, Gurnemanz assinala outros aspectos de Kundry:

Sim, muitas vezes, quando ela ficou longe por muito tempo, nos sobreveio a infelicidade.

No segundo ato, a causa de sua ausência é evidente. Klingsor mandou chamá-la e a mantém prisioneira para exercer a sedução no jardim encantado.

*Vem, vem cá, chega perto de mim!
Teu mestre te chama, inominável
deusa demoníaca das origens!
Rosa do inferno! Foste
Herodiade, e o que mais ainda?*

Segundo os evangelhos, Herodiade foi esposa de seu tio Herodes Antipas, em

segunda núpcias. Quando João Batista a acusou por esta razão, ela mandou decapitá-lo. Assim, Kundry é desmascarada: é a força da natureza corrompida que, por sua violência, constrange João Batista, “aquele que clama no deserto”, a calar-se. Sob sua influência, o ser humano é arrastado através do oceano da vida dialética, abandonado, desarmado, à ilusão astral da natureza da morte.

No segundo ato, no jardim encantado de Klingsor, acontece o inevitável encontro entre Kundry e Parsifal. Esta cena dramática faz lembrar a tentação de Jesus no deserto, quando Satã lhe promete poder, fama e riqueza. Jesus não cede e Satã se retira.

Na ópera de Wagner, Parsifal anda entre as moças-flores que estão sob o poder de Klingsor. Seu coração puro o preserva de seus artifícios e seduções. Mas, depois de ter resistido a esta tentação, ele encontra Kundry, a personificação de seu ser aural, seu “guardião do umbral”. Ele consegue resistir a sua fervilhante beleza, mas Kundry abre todo o arsenal de seu charme para ten-

tar fazer dele sua vítima. Com sua malícia habitual, ela dirige seu ataque para o ponto fraco da personalidade de Parsifal: ela se lamenta pela morte da mãe dele, Herzeleide, e o culpa por tê-la abandonado um dia. O plano parece dar certo. Ela desperta em Parsifal um sentimento de culpa que poderia torná-lo receptivo a novas investidas. É a tática clássica do ser aural, que se esforça para enlaçar a personalidade. Vencido pela tristeza, Parsifal acaba caindo aos pés de Kundry, que age como se fosse a mensageira de Herzeleide, simulando querer consolar Parsifal e ensinar-lhe o que é o amor. Seu beijo deve dissipar seus sentimentos de culpabilidade.

*Como último adeus de tua mãe,
eu te ofereço agora o amor e um
primeiro beijo*

Parsifal está como enfeitiçado e deixa-se enganar. O beijo de Kundry, entretanto, não abre em seu coração puro as comportas astrais do desejo, mas sim os olhos de seu coração. Como um raio, ele tem a visão do trágico destino de

A visão de Parsifal. Ele contempla o Leão com a Ekklesia, símbolo da nova vida que confere o Amor divino. Atrás dele encontra-se o dragão do Apocalipse, imagem da humanidade decaída (França, manuscrito do século XIV).



Amfortas, o rei do Graal, e percebe a causa de todo o sofrimento do mundo. Mas ele também vê a graça que oferece o caminho de libertação. *Amfortas! O ferimento! Pena cruel!* clama ele, com os olhos já abertos. Ele se livra dos braços de Kundry antes que ela possa arrastá-lo para mais longe. *Pela compaixão ele recebeu o conhecimento* e quebrou a magia de Klingsor! Quanto a Kundry, seu encontro com uma alma pura fez com que ela fizesse um bem, ainda que involuntariamente. Ela se debate, esbraveja, suplica que ele tenha piedade dela, mas todos os seus esforços são vãos.

UMA LUTA MORTAL

O ser aural do candidato que, na senda de libertação, ameaça livrar-se dos poderes do jardim encantado da natureza dialética, comporta-se exatamente como Kundry. No momento em que o buscador vai libertar-se da prisão da natureza dialética, seu ser aural reúne todas as suas forças para opor-se a personalidade inspirada pela nova alma. Os antigos laços de repente fazem valer seus direitos. A dúvida em relação à senda libertadora volta a povoar sua cabeça. Será que a senda não é um caminho tão assustador quanto egocêntrico? Motivos aparentemente nobres servem de pretexto para deixar-se levar pelas forças sedutoras da natureza. Se o aluno reage aos ataques do eu superior, entra em uma luta mortal. O eu superior sabe que deve morrer se não conseguir opor-se à personalidade animada pela Gnosis, e o candidato deve combater até o fim. Nesta situação, Parsifal invoca o Salvador:

*Salvador, Senhor da Graça,
como posso eu, pecador, expiar meu
pecado?*

Como seu coração se fecha aos desejos ímpios que Kundry tenta des-

pertar, ele é capaz de resistir a seus ataques. Simultaneamente, ele abre seu ser ao sofrimento do Salvador e ao desejo dos Cavaleiros do Graal de um dia serem salvos. E, depois de ter tentado fazer com que Kundry compreendesse que a missão que ele realiza também significa a libertação dela, Parsifal clama:

Desaparece, infeliz tentadora!

Mas ela não vai embora sem antes lhe dizer:

Sabes onde podes encontrar-me!

Com um último e desesperado esforço, Kundry chama Klingsor, o senhor das trevas, para vir em seu socorro. Ele vem e atira a lança, que antigamente havia roubado de Amfortas, na cabeça de Parsifal: mas a arma sagrada plana acima dele como a pomba do Espírito Santo sobre a cabeça de Jesus. Então, Parsifal pega a lança e assim põe fim às tentativas de sedução de Kundry. Ela se desvanece, enquanto o castelo e o jardim encantado de Klingsor vão desaparecendo. É exatamente assim que acontece na vida do aluno quando as estrelas do céu de sua lipika caem e vão surgindo um novo céu e uma nova terra.

A NOVA LIPIKA

No terceiro ato, Gurnemanz desperta Kundry de seu sono mortal. Esta cena se passa no reino do Graal. Uma atmosfera maravilhosa de paz e de reconciliação impregna a natureza. Kundry operou sua última metamorfose: a sedutora incansável tornou-se uma humilde servidora que unge os pés de seu senhor, Parsifal, assim como Maria Madalena ungiu os pés de Jesus, o Senhor. Parsifal abençoa Kundry. Finalmente, depois de uma viagem longa e fatigante, Parsifal volta para o reino do Graal, onde vai cumprir sua missão de novo rei

do Graal. No final da história de Parsifal, parece que a senda da libertação da alma não passa pela unificação da personalidade com o ser aural, nem pelo apaziguamento dos conflitos cármicos no eu superior. É exclusivamente pela abnegação e conseqüentemente pela rejeição às forças aurais que o novo poder da alma vai-se desenvolvendo, permitindo que ela retome a posse da lança: o Espírito. As janelas da alma que davam para o jardim encantado de Klingsor agora já estão fechadas, enquanto se vão abrindo outras para deixar entrar o novo sol em ascensão, cujos raios consomem e dissolvem os restos da herança cármica do microcosmo. Kundry recebe o batismo: ela está instruída para sempre quanto a sua vocação humana. Ela, a quem somente Parsifal, o “tolo”, o puro, tinha o poder de trazer a salvação.

O CAMINHO DE PARSIFAL

O nome Parsifal designa não somente o personagem principal da narração, mas também representa o protótipo do homem que realiza o caminho do desenvolvimento e da libertação espiritual. Neste sentido, sua imagem pode ser comparada à de Christian Rosenkreuz, o símbolo do homem que deve seguir seu caminho em novas condições atmosféricas.

A palavra Parsifal tem dois sentidos diferentes: *par ce vale*, que significa pelo centro e também *fal parsí*, que significa puro tolo. Estas duas interpretações são adequadas. Parsifal é o protótipo do homem que deve vagar em meio à natureza dialética, acumulando muitas experiências. E, na qualidade de “tolo” e “puro”, ele tem o poder de voltar para o reino do Graal enquanto está a caminho. Finalmente ele torna-se o rei iniciado, o protetor e realizador dos Mistérios. É o homem que está pronto para deixar o mundo do espaço-tempo. Por sua reminiscência, ele pode ajudar a libertar o Espírito da prisão

da matéria: primeiro dentro de si mesmo, mas logo em seguida também na natureza que o rodeia. Tocado pela força gnóstica, ele começa sua busca e seu caminho o leva, através da busca e da purificação, a servir a Gnosis de forma verdadeira e consciente.

Wagner mostra estas três etapas do caminho de Parsifal nos três atos de seu drama musical. Na narrativa primitiva, os Cavaleiros do Graal se encontram em uma situação infeliz depois da queda de Amfortas. Será que não existe nenhum cavaleiro capaz de assumir a realeza no lugar de Amfortas? Por que esta escolha recai sobre Parsifal?

A resposta se encontra no primeiro aspecto de seu nome. Os cavaleiros que rodeiam Amfortas são os homens-almas que ainda não têm nenhuma experiência pessoal, que, por causa disso, não sabem ainda empregar seu livre-arbítrio. Sua pureza é essencialmente inconsciente: eles são inaptos para exercer a realeza. Amfortas possuía as qualidades requeridas, mas deixou que sua vontade seguisse um ato ímpio.

Somente Parsifal pode agora preencher as condições para assumir a realeza do Graal. Ele possui um grande tesouro de experiências no mundo dialético, e manteve sua pureza original e seu coração sempre aberto.

AQUELE QUE NÃO TEM NOME

Entretanto, este tesouro de experiências não está simplesmente à disposição e pronto. Ao contrário: no primeiro ato, ele é apresentado como uma pessoa estúpida e ignorante. Além do mais, ele comete o erro escandaloso de matar um cisne com uma flecha. Ora, o cisne é o símbolo do Espírito e um pássaro sagrado no reino do Graal! Por isso, Gurnemanz pergunta a ele por que fez isso e fica desconcertado com sua falta de jeito. Parsifal não consegue responder a nenhuma pergunta. Ele nem sequer consegue dizer seu nome! “Eu não



O que é o Graal? Nenhuma palavra pode explicá-lo. Mas quem o encontra, capta sua mensagem (Ilustração Pentagrama).

me lembro de nenhum!” Esta é uma alusão às inúmeras personalidades que se foram sucedendo em seu microcosmo. Elas já estão todas mortas e esquecidas. É somente quando Kundry conta a respeito de sua juventude que ele se lembra de alguma coisa de seu passado microcômico. Ele vê como tornou-se culpado de crueldade e joga longe seu arco e suas flechas. Jamais ele voltará a caçar um cisne.

Da descrição de sua juventude, sabe-se que ele viveu vagando aqui e ali, em completa inocência e simplicidade. Ele não sabe o que é o bem ou o mal, e pergunta a Kundry se é ameaçado por forças malignas. Ele teve uma vaga idéia de tornar-se como “estes homens faiscentes, sobre seus belos cavalos” que um dia havia visto de passagem. Mas, até este momento, ele não teve esta chance e é por isso que não ficou em nenhum lugar por muito tempo. Quem se encontra nesta fase do processo não pode, de fato, continuar por muito tempo em nenhum lugar da natu-

reza dialética. Suas ações geralmente não têm um motivo e aparentemente ele segue em frente, sem rumo na vida. E, quando tenta conformar-se com as normas deste mundo, que lhe é estranho, não consegue. Seus relacionamentos com os outros são superficiais ou cheios de frustração e de oposição.

Este distanciamento do mundo exterior assinala o homem que busca a Verdade. Mas esta condição dolorosa é necessária para que seu desejo de voltar a seu estado original vá-se tornando cada vez mais evidente.

No começo, o buscador não compreende nada sobre seu estado. Ele não sabe responder à pergunta sobre sua origem, e ignora para onde seu caminho o conduz. O átomo-centelha-do-espírito despertou em seu coração, é verdade, e tornou-se uma pequena chama sob o toque da força divina. A origem, o caminho e a finalidade estão presentes neste átomo, sem entretanto estarem à disposição da antiga consciência.

O GUIA INVISÍVEL

Parsifal deixou-se guiar inconscientemente por seu átomo-centelha-do-espírito, que finalmente o conduziu ao reino do Graal. O que se espera dele necessita uma consciência que tenha autoconhecimento, mas ele ainda não a possui. Gurnemanz o conduz ao interior do castelo do Graal, onde ele toma parte, cheio de espanto, na cena solene no decorrer da qual Amfortas desvela o Graal. Apesar de já ter fixado sua missão de salvador, Parsifal ainda não pode realizá-la. A ignorância e a falta de qualidade alma não o permitem. À pergunta de Gurnemanz sobre se ele sabe o que vê, ele meneia sua cabeça e não pode responder. Ele nada compreende do sofrimento de Amfortas, nem sobre a oferenda do Graal ou a cerimônia que se passa diante de seus olhos. É por isso que ele deve deixar o reino do Graal e voltar à vida comum.

A mesma coisa acontece a muitos buscadores da verdade. E isto provavelmente no decorrer de inúmeras encarnações. É verdade que eles percebem o chamado da centelha-do-espírito, mas eles não são capazes de responder a ela conscientemente. Para tanto, é preciso ter um coração puro e uma personalidade que já tenha atingido o limite de suas possibilidades. Afinal, quem busca deve aprender a causa do sofrimento e o que ele deve ou não deve fazer para libertar sua alma prisioneira.

A fim de adquirir esta consciência, o caminho o conduz ao jardim encantado de Klingsor. Nem bem Parsifal deixa o Castelo do Graal e já chega a este jardim onde as moças-flores giram em torno dele forçando-o a ficar. E Parsifal faz gracejos circulando entre elas. Mas, como elas não param de movimentar-se, ele quer fugir e diz com humor:

*Deixem-me, vós não me fareis
cair em vossa armadilha!*

Assim, ele faz alusão aos desejos comuns que todo ser humano encontra em

seu caminho de autoconhecimento. Todos os dias ele se vê frente a frente com suas esperanças e desejos, e sente que lhe está sendo despojado de sua força-luz. É então que ele aprende lenta mas firmemente a afastar estas influências, evitando dar-lhes atenção.

A VISÃO CLARA

Então acontece o encontro decisivo entre Parsifal e Kundry. Também é a primeira vez que o nome de Parsifal é pronunciado. Isto significa que ele se torna consciente de si mesmo. Mas, como pode ser que este “tolo”, este “puro”, possa ver seu “eu superior” e como ele pode sentir o sofrimento de Amfortas como se fosse seu próprio sofrimento?

A própria essência de todas as experiências vividas pelos moradores anteriores de seu microcosmo está presente no ser aural. Portanto, é compreensível que aquele que segue o caminho possa atingir, num certo momento, o ponto em que o habitante precedente parou: é neste lugar que a senda de libertação foi interrompida, e o sofrimento que resultou disto ficou gravado no ser aural. Os personagens do Parsifal, de Wagner, não devem, portanto, ser considerados como personalidades diferentes, mas como aspectos do próprio Parsifal. Da mesma forma, Amfortas pode ser visto como a personalidade que precedeu a atual personalidade de Parsifal, mas também como o primeiro homem a ser vítima de Kundry. Neste caso, ele representa o átomo-centelha-do-espírito, que sofre e espera dentro do coração. No confronto entre Parsifal e Kundry, a experiência de Amfortas estava, portanto, potencialmente presente. Amfortas também foi, por sua vez, seduzido por Kundry, pois, como ainda era ignorante, ele reagiu espontaneamente às forças da natureza. E o sofrimento de Amfortas é despertado em Parsifal pelo beijo de Kundry. A compaixão lhe faz reconhecer o perigo, e ele tem a força de resistir às

seduções da natureza personificadas por Kundry. E, quando Klingsor atira-lhe a lança na cabeça, ele tem o poder de segurá-la sem perigo e já pode deixar o jardim encantado para pôr-se a caminho em busca do Castelo do Graal.

O REI DO GRAAL

No terceiro ato, Parsifal atinge o reino do Graal. Ele descreve o longo caminho cheio de tentações e perigos que ele precisou seguir depois de ter tomado posse da lança:

Inúmeras circunstâncias e disputas perigosas e dolorosas me constrangeram a desviar do caminho, quando eu pensava que o conhecia bastante!

Agora, ele chegou a uma nova fase. Com a chave da nova compreensão e do discernimento, e fortificado pela Gnosis, ele atravessou todos estes acontecimentos. Ele mostrou que podia servir e penetra, enfim conscientemente, no Castelo do Graal, o novo campo de vida. Seu passado cármico, sob o aspecto de seu ser aural, já não o detém no caminho, mas participa em seus esforços, tendo em vista libertar a humanidade. “Servir” é a primeira palavra pronunciada por Kundry e, para finalizar, ela unge os pés de Parsifal como sua serva.

Parsifal chega, finalmente ao Castelo do Graal, cura o rei Amfortas e ocupa seu lugar. O homem decaído está salvo. O Novo Homem, o Homem divino, toma o seu lugar.

* Jan van Rijckenborgh, *Os Mistérios Gnósticos da Pistis Sophia*, Rozecruiz Pers, Haarlem, Holanda.

FELICIDADE E SOFRIMENTO

A felicidade é uma necessidade básica. No entanto, todos, com certeza, já perceberam que os momentos de felicidade são efêmeros. Como gostaríamos que fosse diferente! Se olharmos para o mundo, veremos que a felicidade não é duradoura em nenhum lugar e que em toda a parte o sofrimento se prolonga; e como os irmãos se matam uns aos outros, combatendo com atrocidade!

Na primeira metade do século XX, tão profundamente “esclarecido”, cerca de 70 milhões de homens foram mortos, em guerras horríveis. O abuso do poder e a violência que dele decorre derramaram sobre a humanidade uma onda ininterrupta de sofrimentos assustadores. Conflitos interiores e exteriores não pararam de fazer crescer o medo e o desespero.

Para tentar explicar a situação, muitos afirmam com convicção que o sofrimento é necessário e até mesmo que ele tem um certo valor na vida. Participar do sofrimento dos outros é ter compaixão e quem sofre considera que isto é um sinal de Deus que está olhando por ele. De fato, *Deus castiga aqueles que ama!* (Epístola aos Hebreus, 12:6). Se nos aprofundarmos neste grande mistério e estudarmos as emoções do coração humano, descobriremos que existem duas espécies de felicidade e de sofrimento. Há o sofrimento causado pela crueldade, pelas crises e pela injustiça deste mundo, e pela incapacidade de enfrentá-las de maneira correta. Por outro lado, existe a felicidade causada pelos sentimentos de

segurança e de simpatia, a felicidade que nasce das relações entre os seres humanos e que acaba tornando-se a finalidade da vida. Este tipo de felicidade e de sofrimento pertence aos processos da vida terrestre e somente diz respeito à dimensão natural do homem mortal, a seus desejos e necessidades.

ALEGRIA E SOFRIMENTO DIVINO

Também há um sofrimento e uma alegria que provêm de uma outra fonte, que provêm da ignorância ou da consciência da presença de um princípio de eternidade dentro de nossos corações. Quem capta e sente um pouco estas forças de eternidade, sente uma alegria intensa e ao mesmo tempo um grande sofrimento.

Estas vivências podem acontecer com regularidade e tomar conta de todo o ser, para sempre. E isto acontece cada vez que o comportamento se aproxima de Deus ou se afasta dele. Esta experiência pode ser traduzida pelo profundo sofrimento de sentir-se separado da vida divina original. Mas também há a alegria que volta cada vez que se pode ouvir o apelo da eternidade em meio à solidão, à crueldade e à futilidade do mundo.

A felicidade e o sofrimento terrestres são a própria expressão da vida natural sobre a terra. A felicidade e o sofrimento que resultam de nos colocarmos em harmonia com o princípio interior do Espírito divino fazem entrever uma nova possibilidade de vida: uma vida que haverá de desabrochar a partir do princípio imortal do Espírito dentro de nosso coração.



A luta entre o leão e o grifo é, na verdade, uma luta desesperada, pois o grifo é o famoso dragão alado, o fogo serpentino que ainda não foi purificado e que ameaça constantemente a vida da alma, e o leão é o símbolo da força do amor divino, que sempre sai vitoriosa do combate (Johfra, 1968).

REVALORIZAÇÃO

Considerados deste ângulo, felicidade e sofrimento passam a ter um novo valor, que será como uma oportunidade a ser alcançada, uma tarefa a ser cumprida, e principalmente como uma promessa. Se continuarmos prisioneiros do sofrimento ao qual a humanidade está submetida desde a sua origem, acabaremos esgotando e abandonando a luta, arrastados para sempre no círculo vicioso onde não é possível haver vitória no combate: a luta pela felicidade e a luta contra o sofrimento não chegam a nenhum resultado positivo. Todos os que vêm claramente adquirem uma compreensão totalmente nova e vêm as coisas sob uma nova luz. Quem julgava seu sofrimento exclusivamente em função dos critérios terrestres, agora está certo de que o ser humano sempre tem tendência a renegar o princípio divi-

no dentro dele e que por isto torna-se presa fácil do sofrimento.

A VERDADEIRA FELICIDADE

Finalmente, ele reconhece que existe dentro si um princípio divino e o coloca à frente de tudo para que ele possa viver e crescer. Então, ele descobre que muitos sofrimentos vão-se enfraquecendo e até mesmo podem ser evitados, graças a sua atitude totalmente diferente em relação à vida. Ele já não experimenta o sofrimento como um flagelo, mas como um auxílio e uma graça no caminho de sua vida. São como degraus pelos quais ele deve subir até o mundo divino, o mundo da verdadeira felicidade.

Por que ele tem de subir estes degraus? Para adquirir cada vez mais compreensão, constatando que todos os sofrimentos são causados pelo egocentrismo, e que o eu deve retirar-se pouco a pouco e morrer a fim de que o Homem original ressuscite.

Assim, cada vitória sobre o eu, fazendo-nos sofrer e cair de nosso pedestal, nos eleva também cada vez mais rumo à eternidade. Quando compreendemos e sentimos o sofrimento, ele é aceito, e é sem hesitação que subimos os degraus um a um para, enfim, nos perdermos na beatitude divina.

O VERDADEIRO AUXÍLIO

Quem quer auxiliar, recebe auxílio. Duas forças fazem o ser humano agir: o desejo e a vontade. Daí resulta que cada um vivencia, em sua vida, a alternância contínua da alegria e da tristeza que estas duas forças provocam.

Alguns consideram esta alternância como sendo natural e percorrem seu caminho do nascimento até a morte, conformando-se: a vida é assim! Desejar, querer e depois felicidade e tristeza; e novamente desejar, querer, felicidade e tristeza; e assim por diante. Mas também há pessoas que, em um dado momento, já não aceitam esta situação, geralmente logo em seguida a um profundo sofrimento interior, ou de uma pessoa próxima. Quem desta forma foi tomado no mais profundo de sua alma não consegue desligar-se tão facilmente de seu sofrimento. Então a questão do sentido da existência se coloca a ele irrevogavelmente; depois se abre o estágio da busca que representa uma nova etapa da vida cheia de indagações ardentes, de dificuldades, de erros, mas também de acontecimentos e de encontros extraordinários. Diferentes caminhos se apresentam então ao buscador, de acordo com seu estado e as circunstâncias. São caminhos que conduzem sempre ao mesmo fim: a solução do problema da vida.

Vamos seguir, por exemplo, o andamento de um buscador que se preocupa com as questões sociais. O que ele vai passar? O que se passaria conosco na mesma situação?

Este buscador sofre principalmente com o sofrimento de seus semelhantes. Como ele não pode e não quer seguir o curso monótono da vida cotidiana e co-

mo ele é impulsionado pela compaixão, ele não pára de auxiliar e sustentar seu próximo. Ele fala sobre isto, ele age, ele sacrifica muito talvez para atingir sua finalidade. Ora, esta busca muito justa faz com que lhe caia nas mãos um livrinho: *A Voz do Silêncio*. Não conseguimos sempre aquilo de que temos necessidade? Então ele lê:

*Que a tua alma de ouvidos
a todo o grito de dor,
como a flor de lótus abre seu seio
para beber o sol matutino.*

*Que o sol feroz não seque uma
única lágrima de dor antes
que a tenhas limpado os olhos
de quem sofre.*

*Que cada lágrima humana
escaldante caia no teu coração e aí
fique; que nunca a tires enquanto
durar a dor que a produziu*

Sustentado por estas palavras, ele vai socorrer seus semelhantes com uma força renovada. Entretanto, cedo ou tarde, chega o momento em que ele percebe que é impossível ajudar verdadeiramente os outros. Que dolorosa constatação! Por mais que faça o melhor de si, que aja com muito amor, e que trabalhe duramente, ele não ajuda verdadeiramente: no máximo traz um pouco de consolo, um alívio temporário, um instante de esquecimento da triste realidade. Mas “o verdadeiro auxílio”, este, não existe!

UMA SITUAÇÃO QUE TODOS CONHECEM

Entretanto, é isto que ele quer ofere-

cer de todo o seu coração: um auxílio verdadeiro! Então, ele se pergunta desesperadamente o que deve fazer. Continuar? Isto não serve para nada. E, decepcionado, com o coração sempre cheio do desejo justo de pôr fim ao sofrimento dos outros, este buscador entra na fase seguinte de sua busca.

Enquanto vai refletindo profundamente no problema do sofrimento, ele pega novamente *A Voz do Silêncio*. Ele relê a mesma passagem, mas, como se sente mais rico com uma nova vivência, ele a lê com outros olhos e vai compreendendo pouco a pouco o que se espera dele. Ele acredita que chegou ao fundo do problema, acha que o captou e o compreende.

Então ele lê:

*Estas lágrimas, ó tu de coração tão compassivo, são os rios que irrigam os campos da caridade imortal. É neste terreno que cresce a flor noturna de Buda, mais difícil de achar, mais rara de ver do que a flor da árvore Vogay. É a semente da libertação do renascer. Ela isola o Arhat tanto da luta como da luxúria, leva-o através dos campos do ser para a paz e a felicidade que só se conhecem na terra do silêncio e do não-ser.*²

Perseverando em seu desejo de compreender como auxiliar “verdadeiramente” a seu próximo, a idéia de que alguma coisa vai acontecer interiormente vai amadurecendo dentro dele. Uma semente deve germinar dentro de seu coração: a semente de um renascimento, que é a libertação! Mas para que este crescimento aconteça, ele deve desaparecer, apagar-se. Enquanto isso, uma nova questão se coloca: como poderemos renascer? O que devemos fazer para que isto aconteça?

E ele lê:

Mata o desejo; mas se o matares,

*cuida bem em que ele não renasça da morte.*³

E muitas outras exortações vão-se seguindo. Então, ele se põe corajosamente a trabalhar e tenta colocar em prática todos estes conselhos. Ele se exercita. Ele tenta matar todos os seus desejos. Se ele quiser “verdadeiramente auxiliar”, a semente deverá germinar e a flor deverá desabrochar! Enquanto isso, depois de muitas decepções, ele vai percebendo que é impossível matar seus próprios desejos.

Mais uma vez desiludido, mas enriquecido com um novo conhecimento, ele se encontra em seu ponto de partida: ele continua incapaz de auxiliar verdadeiramente os outros! Apesar disso, ele ainda não perdeu este desejo. Neste momento ele se pergunta se não há alguma coisa errada nesta recomendação: mata o desejo!. No entanto, está bem escrita e é bem isto o que ele quer!

Ele não desiste. E a força de seu desejo justo lhe faz encontrar outras pessoas e ler outros livros. Ele compreende de repente que todos os seres humanos, há séculos, lutam para resolver os mesmos problemas, individual e coletivamente. Mas, como esta semente pode germinar? Como a flor vai nascer para a vida? O que fazer? Como matar seu desejo? O que é o desejo? Ele vai percebendo que há séculos as mesmas diretrizes são dadas para resolver estas questões: são idéias universais com expressões que só diferem de acordo com as épocas e os países. Ele descobre o *Baghavad Gita*, o *Tao Te King*, de Lao-Tse, a *Bíblia*, a *Fama Fraternalitatis*.

Nesta última obra, ele lê:

O desejo é uma força que não é deste mundo e esta força somente pode realizar-se em um reino que não é deste mundo. uma força que preenche nosso sangue, nos acossa dia e noite, até que cheguemos de maneira absoluta, mas tão absoluta, ao ponto morto em

vós mesmos. *É somente então que poderemos ir buscar o segredo da salvação.*⁴

Aquele que se encontra nesta busca, encontra a resposta para suas indagações. Ele reconhece que *a força do desejo* está oculta, fortemente enraizada dentro de cada ser humano. Ele reconhece que é esta força que o arrastou e que o desejo vai em todas as direções, tanto para baixo como para cima. *A Voz do Silêncio* lhe fala da flor maravilhosa. Ele aprende como colocar em prática as recomendações seculares da Doutrina Universal. Os Mistérios crísticos vão se desvelando diante dele, assim como diante de todos os homens que já estão prontos. Ele sabe que, para ele, já chegou a hora.

Dando uma olhada para trás, no caminho percorrido, ele vê o desenvolvimento de sua busca, suas tentativas, e a finalidade de todos os seus esforços. Não era preciso chegar ao limite de suas possibilidades para só depois passar à fase seguinte? E, chegando a este limite, ele que buscou e experimentou de tudo, percebe que está sendo auxiliado para “auxiliar de verdade” os outros. Ele vê claramente sua tarefa diante de si.

*Se estiver pronto e for capaz de morrer para seus desejos primários aniquilando-se em Cristo, então um milagre mágico acontece.*⁵

E ele sabe que está pronto. E ele sabe que está em condições para tanto. Cheio de confiança, ele se abandona ao mistério crístico para ser transformado e poder, enfim, levar aos outros o “verdadeiro auxílio”.

1, 2 e 3. *A Voz do Silêncio*, Helena Petrovna Blavatsky, Editora Ground, 1990.
4 e 5. Jan van Rijckenborgh, *Fama Fraternitatis*, o chamado da Fraternidade da Rosa-Cruz, Rozekruis Pers, Haarlem, Holanda, 1983.

O QUINTO ÉTER, O ÉTER ELÉTRICO

“A verdadeira manifestação acontece no quinto campo, chamado de Reino dos Céus. Neste campo, são assimiladas as forças dos quatro campos precedentes (os campos de preparação, do devir) e, no equilíbrio perfeito assim atingido, a forma divina se manifesta. Nasce o homem celeste.”

Jan van Rijckenborgh, *Os sete campos do microcosmo**

Para compreender como se manifesta o quinto éter, chamado de éter de fogo ou éter elétrico talvez fosse bom esclarecer o tema começando por examinar o estado e a ação atuais dos quatro primeiros éteres em nosso mundo mortal. A partir do artigo de Jan van Rijckenborgh intitulado *Os sete campos do microcosmo*, é possível, por indução, encontrar analogias entre a atividade terrestre visível destes éteres e sua atividade na natureza original. Assim, poderíamos sondar a idéia que está por detrás da natureza e as características da natureza original; e, ao mesmo tempo, descobrir o que é preciso fazer ou deixar de fazer para atingir esta natureza pura. Pode-se chegar a ela deduzindo das propriedades fundamentais, conhecidas e habituais do mundo mortal as propriedades do mundo original.

O mundo em que vivemos é constituído por diversos campos de tensão, e mantido pelas tensões que aí se manifestam. Estas tensões nascem entre dois pólos opostos, entre os quais se dão os processos de evolução da natureza dualista, dialética. Os exemplos seguintes darão, sem dúvida, mais relevos a estas primeiras considerações.

Os átomos são os materiais de cons-

trução da matéria. Eles são compostos por um núcleo em torno do qual giram os elétrons ligados ao núcleo por uma tensão elétrica. Os músculos dos homens e dos animais somente funcionam por diferença de tensão e por meio do comando desta tensão. Nossas ações geralmente são os resultados de grandes tensões sob uma sobrecarga de trabalho. Aprecia-se a arte principalmente por causa da tensão que emana da obra e que fala ao espectador ou ao auditor. A música é audível graças a diferenças de tensão (tensão do couro do tambor, tensão dos lábios do trompetista, tensão das cordas do piano) e a tradução destas tensões pelo ouvido.

A vida social apresenta muitos campos de tensão conflitantes, que nascem do desejo de realização pessoal. São tensões que se manifestam por crescimento e expansão. Os desacordos fazem nascer interesses divergentes e conflitos. O crescimento parece ser um critério importante para o bem-estar do indivíduo, da saúde do grupo, de uma empresa, de um sistema econômico ou da sociedade como um todo. O que faz crescer a consciência são as experiências que resultam de tensões diversas. O ritmo é um movimento que se repete de acordo com uma estrutura fixa da qual ele é prisioneiro.

O estudo aprofundado das formas ou campos de tensão faz com que apareçam três elementos importantes:

- um campo de tensão comporta um centro;
- uma tensão se concentra em torno de um núcleo;
- um campo de tensão possui uma força intrínseca.

Um campo de tensão comporta limites, no interior dos quais sua força parece estar prisioneira e separada da força

O quinto éter, o éter elétrico derrama-se sobre a humanidade mergulhada nas trevas. (Foto Pentagrama).

dos outros campos. A força associada ao núcleo está, desta forma, aprisionada no interior de seus próprios limites. A estrutura bem conhecida dos átomos nos dá uma clara ilustração. Não há necessidade de demonstrar que no interior destes limites estão presentes forças consideravelmente poderosas – como no átomo.

Todas as formas perceptíveis pelos sentidos estão limitadas, apresentando um lado exterior que marca seu limite com as outras formas. É assim que se apresenta a *realidade cotidiana* para a maioria dos humanos: quase unicamente pelo lado exterior das coisas; quanto ao que se encontra em seu interior, eles somente podem especular. Quem consegue penetrar o lado exterior, logo descobre que o pretensado lado interior também comporta lados exteriores!

A “vida” terrestre não passa de tensão e se mantém por tensão. Quatro éteres tomam parte neste processo: o éter químico, o éter vital, o éter de luz e o éter refletor. Podemos demonstrar que estes éteres estão em um estado de sujeira e de corrupção.

Cada um destes quatro éteres dá propriedades e poderes importantes aos reinos naturais em que ele se manifesta. Por exemplo, o crescimento material; a criatividade, o impulso criador, a reprodução; as percepções sensoriais e a formação dos pensamentos conscientes. O éter químico assegura, entre outros, o processo de crescimento biológico e o metabolismo, onde os processos de assimilação e de eliminação desempenham um papel importante. E é o éter químico que mantém as diversas formas específicas.

Por outro lado:

Em vez de agir sobre a substância primordial de acordo com o plano divino de manifestação, a atividade do éter químico corrompido provoca a cristalização da natureza terrestre. Pressão e tensão se exercem para começar sobre uma partícula, fazem nascer os mine-

rais e cristalizam as formas, tendo como característica a dureza. Particularmente no homem, vemos claramente que o corpo físico tenro e suave vai-se endurecendo em uma forma frágil, como se fosse um pergaminho enrugado, esclerosado.

*Neste primeiro campo de vida, o Espírito Santo concentra a substância primordial. Neste campo, não há absolutamente nenhuma forma[...] Neste primeiro campo de vida, trata-se de reunir e de concentrar a substância primordial. O núcleo de consciência deste campo de vida tem a tarefa de dar a esta massa uma característica que lhe seja própria, uma vibração própria[...] Pelo éter químico, dá-se um processo de assimilação de matéria e de força e a introdução em um campo vibratório, graças ao qual a idéia subjacente, a forma final, já começa a despontar fracamente, como uma imagem.**

O ÉTER VITAL

O segundo éter, ou éter vital, concede, entre outros, o poder de criação ou de reprodução. O homem emprega uma parte desta energia, por exemplo, para exprimir-se pela fala ou pela escrita, pela música, arquitetura, artes plásticas, enquanto que uma outra parte serve para a conservação da espécie.

Por outro lado:

Ora, a atividade do éter vital acontece no interior dos reinos da matéria, como uma atividade quase sempre limitada à manutenção e à reprodução, em vez de se manifestar de acordo com o plano divino com suas miríades de aspectos. O princípio específico é reduzido a uma forma a mais pequena possível, a semente ou óvulo, que, uma vez reunidos, fazem surgir uma nova cristalização. Podemos observar este fenômeno na individualização de quase todas as manifestações vitais.

*No segundo campo de vida, vemos como se desenvolve um poder de expansão e de diferenciação autônoma, sobre a base da concentração de substância primordial obtida no primeiro campo de vida. O núcleo de consciência do segundo campo de vida confere ao material concentrado e que está agora presente, a vibração que ele deseja, e esta vibração pode novamente diversificar-se. A unidade característica do primeiro campo de vida torna-se uma multiplicidade ilimitada no segundo[...] Assim vai-se desenvolvendo, no quadro do plano divino, a possibilidade de manifestação de cada forma autônoma[...] No segundo campo, a Idéia recebe sua cor. Aí se opera uma ligação entre os materiais de construção e as forças vitais; as forças vitais que aí se derramam fazem surgir um raio de luz que se revela como cor na multiplicidade das diferenciações.**

O ÉTER DE LUZ

O terceiro éter ou éter de luz confere particularmente o poder de percepção sensorial. O pólo negativo do éter de luz libera forças que permitem o desenvolvimento dos sentidos. O pólo positivo do éter de luz regula a corrente dos fluidos e a circulação sangüínea. Entre as espécies animais superiores, assim como no homem, ele estimula a energia térmica. O terceiro éter torna possível a experimentação.

Por outro lado:

Em vez de colocar um desejo neutro e equilibrado a serviço total do Plano divino, o homem, ao contrário, é acossado por seus sentidos direcionados para a natureza terrestre. Nutrido pelo éter de luz, ele está sempre e cada vez mais determinado pela luta incessante para sua autoconservação e pelos esforços de atingir seus objetivos pessoais. O é-

ter de luz mostra as sutilezas de suas percepções sensoriais, por projeção, das cores de suas experiências passadas e de suas esperanças pessoais. A luta é necessária para que ele sobreviva. Ela aquece o sangue e o coração.

*A idéia que está na base Plano de criação microcós mica formava, no primeiro campo de vida, a unidade do devir. No segundo campo, a Idéia desenvolve a riqueza de aspectos contida nesta unidade. No terceiro campo de vida, vemos esta riqueza de vida em evolução revelar-se, anunciar-se como um calor, um brilho, um fogo, uma luz sempre crescente... O desejo silencioso, o calor vital que se desenvolve no terceiro campo de vida é um desejo sem avidez, é um desejo que emana de cada átomo em direção ao objetivo de servir, para aí perder-se inteiramente com alegria. É um fogo que arde tranqüilamente diante da face de Deus, uma luz santa.**

O ÉTER REFLETOR

O quarto éter ou éter refletor confere o poder de projetar um pensamento e, a partir dele, chegar ao conhecimento consciente.

Por outro lado:

Mas, em vez de chegar ao conhecimento de cada forma de manifestação de acordo com a vocação interior original que está em sua base, o homem se limita, ao contrário, à observação e à análise das formas exteriores. A consciência humana separa e reflete, desta forma, sua própria divisão. Os argumentos da razão são o resultado de especulações intelectuais e se fundamentam todos em percepções e experiências individuais.

Esta consciência criadora que, no terceiro campo, por um despertar

*sagrado, se revela como um fogo, uma luz, em sua riqueza da concentração da matéria primordial, liga-se, no quarto campo, à Sabedoria divina. Guiada pelo núcleo de consciência deste campo, ela está totalmente unida à sabedoria do Plano divino. O campo de trabalho em toda a sua extensão é percorrido pela Sabedoria divina: ela está presente em cada partícula da esfera; o núcleo de consciência capta a intenção, a missão interior de cada elemento, de cada nuance vibratória... O próprio Deus aí se reflete totalmente, contemplando-se a si mesmo em sua criação: o homem em formação.**

O QUINTO ÉTER

No mundo material, o quinto éter manifesta-se particularmente sob o aspecto da eletricidade. Esta energia, que determina a vida cotidiana principalmente nos países industriais modernos, é, por assim dizer, a forma material de uma força astral. Examinando de mais perto sua atividade, parece também que podemos induzir suas propriedades e poderes originais. Do ponto de vista científico, a eletricidade é uma forma de matéria e a matéria uma forma de eletricidade. A matéria é composta por átomos e os átomos são compostos por elétrons ligados a um núcleo por uma tensão elétrica. Se conhecêssemos a fundo a própria essência da eletricidade, compreenderíamos a matéria. Este estudo mostra claramente que a matéria do campo de vida terrestre e a eletricidade que aí se manifesta estão estreitamente ligadas uma à outra. Mas o que o plano divino original previa apresentava-se aqui como uma matéria fechada em si mesma, e a eletricidade é a tensão causada pela força criadora do quinto éter enclausurado na matéria.

Conseqüentemente, as aplicações práticas de eletricidade utilizadas na vida comum fazem ver a imagem invertida da manifestação original.

É impensável que a sociedade dos países industrializados possa passar sem a eletricidade. Ora, o uso desta forma de energia parece colocar cada vez mais distância entre o homem e a matéria.

- O homem cria instrumentos que servem para prolongar, completar ou substituir seus sentidos.
- Em todos os tipos de trabalho, o motor elétrico substitui suas capacidades pessoais e sua força.
- Com a luz artificial e o relógio, ele regula seu ritmo de acordo com suas necessidades e sua vida já não é determinada pelo ritmo da natureza.
- Com o computador, ele cria sua própria realidade, qualificada de "realidade virtual".

O quinto éter é o éter da realização. É por isso que se diz também que este éter tira do homem o que ele não realizou, mas, por outro lado, consolida o que ele já realizou a serviço do plano divino. No mundo da experiência e das percepções, o homem se afasta da realidade, da forma, de sua própria manifestação. Como ele não consegue manifestar-se sobre a base do quinto éter onipresente, ele imita este poder por meio da eletricidade e cria uma rede mundial de informações que permite a todos os que utilizam computadores adquirir e colocar em prática os conhecimentos atuais.

O uso da eletricidade faz surgir duas propriedades:

- Primeiro, a eletricidade é capaz de transferir um movimento. O movimento é transformado, por exemplo, graças a um alternador, em uma tensão elétrica que permite fazer girar um motor elétrico, acender uma lâmpada, aquecer uma resistência elétrica etc.. Do ponto de vista científico, a eletricidade é o resultado da resistência da matéria ao movimento.
- Em segundo lugar, a eletricidade é

capaz de transportar a informação. O som, a imagem, são transformados em impulsos elétricos transmitidos a partir de um emissor até um receptor.

Estas duas aplicações estão baseadas no poder que a eletricidade possui de orientar magneticamente os átomos. Este poder de influência sobre os constituintes da matéria é uma das marcas mais características da eletricidade na natureza mortal.

Como a eletricidade pode modificar e orientar as formas da natureza, o mesmo acontece com a força astral pura, e esta tem uma potência infinitamente maior (Helena Blavatsky fala de uma “diferença” comparável à que existe entre 30 m/s e 180.000 km/s!) e é capaz de dirigir e manifestar o núcleo divino no homem de acordo com o plano divino. É por isso que é importante que todos os que desejam seguir a senda de retorno tomem as disposições necessárias, sem perder de vista o objetivo, e que se direcionem a partir da força original que é a base de tudo o que é aparente.

Esta constatação tem uma consequência capital. A personalidade é composta por diversas condensações da substância primordial e é mantida por tensões. Além disso, ela é limitada e fechada. Assim, ela é essencialmente incapaz de produzir em si mesma as transformações necessárias, o correto direcionamento magnético, pois a nova estrutura é contrária à antiga. Se ela fosse tocada diretamente em seu “antigo” estado de vida pela força astral divina, ela se consumiria em um clarão.

A manifestação conforme o plano divino diz respeito a uma consciência que não foi constituída pelos campos de tensão terrestres, mas que foi formada e dirigida pelo Espírito divino em um ser humano direcionado de acordo com o plano divino. O núcleo desta manifestação não está ligado às forças “inferiores”, mas irradiava as forças superiores recebidas.

A matriz está pronta; a manifestação pode acontecer. Entretanto, não será

*neste quarto campo, em que o equilíbrio ainda não foi estabelecido em razão da ação dominante do éter refletor. A verdadeira manifestação acontece no quinto campo. Este campo é chamado de Reino. No quinto campo as forças dos quatro outros campos (campo de preparação, de devir) são assimiladas e, no equilíbrio perfeito que então foi atingido, a forma divina se manifesta. O homem celeste nasce. O Mahatma irradia fisicamente na luz divina. É o coroamento da obra do Espírito Santo em sua primeira fase.**

O CAMINHO DE VOLTA

Para que a personalidade não seja desnaturada por um toque demasiado brusco e violento, o processo de restabelecimento acontece ao longo da senda gnóstica. Com o auxílio da Gnosis, a força divina que sempre está presente em toda a parte, a personalidade corrompida a ponto de ter-se tornado uma fonte de tensão, pode ser pouco a pouco transformada em uma nova forma, nascida da vontade e do poder divino. Na senda de transfiguração – amplamente descrita na literatura da Rosacruz Áurea – é preciso distinguir cinco etapas: discernimento, anseio pela salvação, auto-rendição, nova atitude de vida e transfiguração.

Quando acontece a primeira fase, o discernimento, a força gnóstica revela-se à personalidade nascida da natureza. Esta força serve-se do poder refletor do quarto éter. Poeticamente falando: “A Gnosis chama o homem”. Em seguida, este homem concebe o anseio pela salvação. Um intenso desejo de cura total desperta dentro dele. A Gnosis o toca em seu sangue, utilizando o poder do terceiro éter. Com o auxílio dos poderes dos dois éteres superiores, mesmo que ainda corrompidos, o homem decaído está doravante ligado à força-luz libertadora. Seu sangue recebe um elemento

vivificante e o processo de recriação do homem original começa agora, baseado nas palavras: “Seja feita a tua vontade, e não a minha”.

Como sabeis, todo o devir resulta de uma idéia espiritual. Quando o Espírito age, manifesta-se em primeiro lugar a Idéia, a imagem original, que a vontade do Espírito impulsiona à realização, à manifestação. Em torno desta imagem original, o Espírito concentra a substância primordial e, quando o processo de preparação termina, ele dispõe esta de modo a que sirva de meio de manifestação à Idéia original.

*Enfim, o homem celeste manifesta-se com o auxílio do quinto éter e “o Mahatma irradia fisicamente na luz divina”.**

* As citações são extraídas do artigo de Jan van Rijckenborgh intitulado *Os sete campos do microcosmo*, artigo editado na revista *Pentagrama* nº 4 do ano de 1995.

A SENDA DO SILÊNCIO

Quem não aspira por um pouco de calma e de paz nestes tempos de agitação febril? Apesar disto, os homens em geral parecem não poder continuar calmos durante muito tempo. Eles são tocados e agitados por uma espécie de inquietude interior que os obriga rapidamente a ficar ativos e a trabalhar compulsivamente. O puro silêncio interior é um bem precioso e completamente fora do comum na efervescência de nosso mundo. Ora, esta é uma condição fundamental do processo de libertação!

Era uma vez um rei que, em toda a sua vida não havia feito outra coisa senão viajar. Ele havia ido de país em país em busca de alguma coisa verdadeiramente nova, desconhecida. Mas, no final, ele declarou que reconhecia que não havia nada de novo sobre a terra. Tudo estava sempre se repetindo. Apesar de tudo, ele continuava a buscar, pois ele estava persuadido de que deveria existir algo diferente de tudo o que havia encontrado. Finalmente, chegou diante da montanha mais alta do mundo, cuja ascensão era extremamente difícil. Cansado de todas estas expedições, ele pediu a seus sete filhos que subissem até o alto da montanha para aí buscar, por sua vez, este “algo desconhecido”.

Era uma empreitada longa e perigosa. Quando seus filhos finalmente voltaram, o rei indagou com impaciência o que eles haviam descoberto.

“Encontramos o que buscávamos, pai. Encontramos uma coisa impossível

de se encontrar sobre a terra.”

“E isto se parece com o quê?”, perguntou o rei, ansiosamente.

“Esta coisa era exatamente como eu”, disse o mais velho.

“Tinha uma pele como a de um crocodilo”, adiantou o segundo.

“Ela era tão grande quanto o portão do palácio”, respondeu o terceiro.

“Ela trazia uma coroa de pedras preciosas”, clamou o quarto.

“Ela achou muito agradável encontrar alguém”, disse o quinto.

“Legiões de soldados estavam por trás dela para defendê-la”, sustentou o sexto.

Todas estas respostas divergentes excitaram a curiosidade do rei e ele perguntou:

“Que caminhos vocês seguiram para encontrar esta coisa desconhecida?”

Então seus filhos lhe contaram com muitos detalhes como o caminho era difícil e que tipo de perigo tiveram de encarar, e tudo isto por causa dele!

De repente, o rei observou que seu filho mais novo ainda não havia dito nada.

“E você, meu filho, que caminho tomou?”

“A senda do silêncio, meu pai”, respondeu o jovem príncipe.

“A senda do silêncio? Há realmente um caminho com este nome que conduz a esta montanha? Você executou minhas ordens, de verdade, como seus irmãos?”

“Perdoa-me, pai. Devo reconhecer que continuei no palácio. Quando fui até a janela, à noite, e olhei as estrelas pensando na missão que o senhor nos confiou, um silêncio foi penetrando em meu coração: um silêncio desconhecido na terra!”

COMPREENDER É ABANDONAR

Esta história foi extraída do Fascículo número 1 da Mocidade do Lectorium Rosicrucianum. Ela traduz o grande anseio do buscador de vivenciar a paz divina desconhecida na terra. Inúmeras emoções e agitações da vida cotidiana têm como causa a busca, muitas vezes inconsciente, de alguma coisa verdadeira e desconhecida: o silêncio divino. Geralmente é difícil aceitar e compreender que ele está mais próximo de nós do que pés e mãos, e é bem menos estranho do que possa parecer.

O que significa “mais próximo do que pés e mãos”? O que entendemos por “divino”? Em razão de sua natureza, o homem está completamente ligado à matéria de trevas; e, como o rei da história contada acima, ele anda quilômetros e quilômetros no mundo do espaço-tempo para tentar satisfazer seu desejo de encontrar a fonte da água viva. Ora, nesta situação, ele vai-se conduzindo como certos animais. Uma mosca, por exemplo, sobe até o alto de uma janela para sentir que lá realmente existe um vidro. Mas, um instante depois, ela voa com toda rapidez contra este vidro para sair da sala e conseguir sua liberdade. Muitas pessoas agem exatamente da mesma maneira quando descobrem obstáculos em seu caminho. E isto dura até o momento em que, como o filho mais jovem do rei, eles finalmente compreendem que devem parar de buscar e tornar-se silenciosos.

Neste sentido, é no momento em que alguém se fere duramente contra as paredes da natureza dialética que ele se salva! Então ele começa a perder as ilusões que ele acariciava durante tanto tempo, e logo ele se encontra nas ruínas de todas as suas tentativas materiais. A partir deste momento, ele começa a compreender que os desejos de seu eu jamais farão com que ele vá mais longe. Este choque é uma graça, mesmo que ele tenha ficado ferido com isto e sinta dor. A nova compreensão que

daí resulta pode transformar profundamente sua vida. Tudo para ele adquire um novo sentido e agora tudo está em seu lugar certo.

FINALMENTE, CHEGA!

Pôr um fim às atividades habituais, tornar-se silencioso diante do Senhor interior, é um momento importante na senda da libertação interior. Sim, este momento é essencial, se quisermos verdadeiramente seguir esta senda. Seguir o caminho, a senda, não é como viajar em um trem, sentado confortavelmente, enquanto se espera chegar a um bom porto. Trata-se, na verdade, de determinar conscientemente a direção a seguir e saber que o trem escolhido parte na hora certa. Na prática, isto significa que devemos deixar para trás o que acreditamos ser nosso verdadeiro ser, o mais conscientemente possível. É preciso renunciar a seguir a pista das antigas experiências: todo o nosso passado dialético. Também não devemos pensar no futuro, pois quanto a ele apenas fazemos projeções adiantadas de todas as antigas experiências. Esta “entrega” é a conclusão de experiências muito profundas, a entrega dinamizada pela compreensão de que o eu, com suas atividades e seus sonhos contínuos, jamais poderá ser livre. Estudando de fora as manobras do eu, fazemos o espaço-tempo desaparecer por um instante, e então o puro presente, sem mácula, nos oferece o esplendor de seu silêncio.

Esta “escapada” não é contra o espaço-tempo: é uma transformação de todas as agitações em um silêncio interior absoluto, que permite que a força libertadora e regeneradora da rosa-dorção possa agir. Quem interrompe suas atividades egocêntricas pode ter a impressão de estar sentado em um trem que está andando porque um outro trem está passando ao lado dele. Mas ele vê, de repente, que a estação, os passageiros e ele próprio continuam imóveis. A

ilusão do movimento explode como uma bolha de sabão. É evidente que, na realidade, ele continuou o tempo todo imóvel.

Quando despertamos de um sonho como este, podemos sentir o profundo silêncio da alma. A emoção causada por este silêncio é absolutamente diferente da agitação provocada por todas as atividades egocêntricas. O que está em movimento nesta suprema calma é a Criação divina. O ser que se absorve neste silêncio e nesta paz pode viver e agir no mundo sem ser de modo algum dirigido por este mundo e sem ficar dependente dele.

Voltemos ao início de nossa história: os seis filhos não evitaram sua dor, nem pouparam seus esforços. Então, eles encontraram o que o mundo pode oferecer de mais precioso: a celebridade, o poder, a força. Eles encontraram o que correspondia a seu desejo e imaginação direcionados por seus “eus”: fragmentos da verdade, que podem dar um contentamento de curta duração, que logo se transforma em seu oposto. A natureza não é mesmo impressionante? A arte dos homens não é, muitas vezes, efervescente? Os pensamentos não parecem às vezes possuir uma profundidade incrível, assim como os sentimentos, e as relações com os outros, que parecem que sempre vão dar certo?

Valentemente, não paramos de “tricotar” com pés e mãos no universo dialético, comendo com prazer os frutos da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Mas, sistematicamente, o belo transforma-se no feio, o quente no frio, o alto no baixo e vice-versa. E tudo recomeça eternamente, até o dia em que finalmente paramos, nos imobilizamos e compreendemos o que realmente “é”.

O ser humano que, em sua existência precipitada e ofegante, aprende a ficar imóvel e silencioso, pode formar uma imagem de sua própria realidade. Em um estado interior de absoluta calma, os pensamentos, os sentimentos e as ações vão-se tornando mais claros. A

Jan van Rijckenborgh expressa este conceito da seguinte forma em A Arquignosis Egípcia, Tomo 4, capítulo 12:

Somente quando o coração se torna verdadeiramente silencioso, puro, é que ele pode dedicar-se a sua verdadeira tarefa, à qual todo o homem, devido a suas duas faculdades divinas, é chamado e eleito, a saber, a vitória sobre a morte e assim ingressar verdadeiro novo estado de vida.



percepção objetiva das ilusões interiores e exteriores da existência mostram que o homem não é “nada”, despertando e reforçando o desejo de entrar no silêncio e no “não-agir”, do qual fala Lao-Tsé. Quando tomamos consciência de que a vida exterior não passa de uma corrida desenfreada que conduz às ilusões, podemos chegar e morar neste “não-agir” interior; e a força e o poder do verdadeiro silêncio se manifestam sempre e cada vez mais. É o silêncio que constitui a própria essência da rosa-do-coração.

Os seis filhos do rei encontraram o que era visível, definido, e que correspondia a suas naturezas. Por isso, cada um descobriu algo diferente. O sétimo filho calou-se: ele havia encontrado o silêncio indizível, o Tao, o que é impossível de ser definido, o que é impossível de ser descrito. Ele não partiu porque “o reino estava dentro dele”, mais próximo do que mãos e pés, no próprio coração da vida vibrante, palpitante. Este silêncio interior não é ligado a um lugar ou a um momento determinado. Em meio aos turbilhões da vida exterior, ele pode surgir em qualquer pessoa que esteja cansada de todas as contradições dialéticas e que já tenha adquirido a maturidade que é requerida para tanto.

Quem se mantém neste silêncio vive da rosa-do-coração. O perfume da rosa é sempre exalado como força do silêncio, e devemos estar prontos a respirar este perfume. Nosso ser está, então, realmente no coração “da jóia maravilhosa no lótus”, perfeitamente indiferente a este lodaçal imundo que é a natureza dialética: ele foi, ele é e será para sempre silencioso.

Portanto, não é necessário esperar pelo silêncio, pois ele está presente a todo o instante do dia, a partir do momento em que nos distanciamos da agitação e do barulho, e observamos os movimentos, sem julgar, de dentro para fora!

Se olharmos para as coisas friamente, parece que a causa de toda a agitação é o eu! Com relação à vida imortal,

o eu faz “muito barulho por nada”! Quem não gostaria de abandoná-lo para dar lugar à Luz eterna? Quem é preenchido pela Luz não deseja outra coisa, pois ele é semelhante à Luz. E todas as influências negativas que gostariam de invadi-lo se dissipam como sombras, quase que imediatamente.

O DIRECIONAMENTO PERFEITO

O silêncio profundo é um “direcionamento” que conduz ao objetivo final da vida. Não se trata de uma concentração voluntária em que afastamos todos os pensamentos estranhos. Direcionamento, aqui, significa o vazio e o silêncio da consciência dialética, a morte de todos os desejos e a ausência de toda e qualquer projeção ou emoção. Este direcionamento é um silêncio interior durável, onde os pensamentos, as vontades e os sentimentos centrados no eu já desapareceram. Neste silêncio assim estabelecido, é a paz quem domina. Não mais a paz que reina entre duas guerras, mas “a paz eterna que ultrapassa todo o entendimento”.

Qualquer pessoa que viva em um direcionamento como este participa do Amor absoluto, único, Onipresente. E, no direcionamento total e no amor absoluto, nasce o silêncio que reina no próprio coração do Tao.